

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DE ESTUDOS ESPECIALIZADOS EM EDUCAÇÃO
CURSO DE PEDAGOGIA

DU RIBEIRO GUARI

**“VOU TE CONTAR A LENDA DA BICHA ESQUISITA”:
SOBRE PALAVRAS E HISTÓRIAS QUE PODEM ACOLHER
CRIANÇAS DISSIDENTES DE GÊNERO NA ESCOLA**

FLORIANÓPOLIS - SC

2022

DU RIBEIRO GUARI

**“VOU TE CONTAR A LENDA DA BICHA ESQUISITA”:
SOBRE PALAVRAS E HISTÓRIAS QUE PODEM ACOLHER
CRIANÇAS DISSIDENTES DE GÊNERO NA ESCOLA**

Trabalho de Conclusão de Curso submetido ao Curso de Graduação em Pedagogia do Centro de Ciências da Educação da Universidade Federal de Santa Catarina como requisito parcial para a obtenção do Título de Licenciatura em Pedagogia.

Orientadora: Profa. Dra. Simone Vieira de Souza.

FLORIANÓPOLIS - SC

2022

[Ficha de identificação da obra. Elemento obrigatório.]

[Insira neste espaço a ficha de identificação da obra.]

[A ficha é elaborada pelo(a) autor(a) no seguinte link:
<http://portalbu.ufsc.br/ficha>]

DU RIBEIRO GUARI

**“VOU TE CONTAR A LENDA DA BICHA ESQUISITA”:
PALAVRAS E HISTÓRIAS QUE PODEM ACOLHER
CRIANÇAS DISSIDENTES DE GÊNERO NA ESCOLA**

Florianópolis, 20 de dezembro de 2022.

Patrícia de Moraes Lima
Coordenadora do Curso de Graduação em Pedagogia

Banca examinadora:

Prof^ª. Dr^ª. Simone Vieira de Souza
Orientadora
Universidade Federal de Santa Catarina

Prof^ª. Dr^ª. Eliane Santana Dias Debus
Membro Titular
Universidade Federal de Santa Catarina

Prof^ª. M^a. Izzie Madalena Amancio
Universidade Federal de Santa Catarina

Prof^ª. Dr^ª. Patrícia de Moraes Lima
Membro Suplente
Universidade Federal de Santa Catarina

*Escrita dedicada às lágrimas e às risadas
de todas as crianças desobedientes.*

AGRADECIMENTOS

Adupé Òrìsà pela vida, proteção e amor incondicional.

Adupé minha família carnal, de corpo e alma. Minha mãe, que compartilhou comigo o sangue que corre em suas veias, cada alimento que entrou no seu corpo e que, pelo sagrado da vida, me alimentou também dentro do seu ventre e até hoje por outras vias - ainda sagradas - me alimenta. Eu desejo te alimentar também e construir essa pesquisa faz parte do caminho. Minha avó materna, meu colo de amor e acalanto imensurável, me faltam palavras quando toco em seu nome. Minha avó paterna, a resiliência da nossa relação me ensina a vida toda conhecimentos que estão presentes nessa escrita e que nada mais nesse mundo poderia ensinar. Meu irmão, adupé por toda cumplicidade e enfrentamento, uma parceria essencial nessa minha vida e sabe se lá em quantas outras.

Adupé minha família de asè do Ilê Asé Ibece Omo Alaketu Oya Igbale, Bàbálórisà Adriano Alagba, e principalmente, Dofona de Òṣàálá, Dofona de Òṣòṣì e Dofonitinha de Ọbalúwáiyé por tudo que compartilhamos, essa pesquisa também é sobre as crianças que vocês foram e são.

Adupé todas crianças que já brinquei, adupé pelas brincadeiras que me ensinaram, histórias que me contaram e colo que trocamos. Tudo que fiz e faço pela educação é por vocês.

Adupé comunidade trans, todes que vieram antes de mim e abriram caminhos para que eu pudesse estar aqui. Nando, Lala, Yas, Lucius, Guto, Ravi, Pedro, Nina e Lai, adupé por existirem, luto por um mundo que seja mais generoso com as nossas vidas. Adupé Liniker, sua voz embalou meu pranto e foi trilha sonora de incontáveis sorrisos.

Adupé a todos meus amores, a paixão sustenta muito da minha vitalidade e tesão em escrever. Amanda, seu amor me convida pra dançar e consigo ver a vida por tantos ângulos que periga eu me perder, bom saber que sempre que procuro vou encontrar sua mão. Carol, quanto mais sensíveis as pessoas são, mais coisas no mundo chamam sua atenção; que bom que você chamou a minha, e assim, tenho a honra de conhecer tudo que chama a sua, são das coisas mais lindas que já vi. Grazi, sua firmeza move montanhas e eu sinto seus movimentos, adupé por materializar parte das referências bibliográficas dessa pesquisa. Lucius Ayo, sou grato a Ọbalúwáiyé por compartilhar a preciosidade que é você com a minha caminhada, consigo visualizar minha mente e alma expandirem sempre que te encontro. Yas, eu não conhecia o quão alto pode ser o som da minha risada até conhecer você, te amo do tamanho do infinito que existe entre zero e um.

Adupé amigues de dentro e fora da Universidade. Gabi Nogueira, Vic Conte, Aline Sena, Carol Beltran, Fau, Nati Roggeri, Bri, Dani de Lucca, Vanessa, Rê, Vic Raucci, Amanda Einhardt, Lian, Lydia.

Adupé a todos os bichinhos que me fizeram uma companhia essencial durante as horas e horas estudando e escrevendo essa pesquisa, Lis, minha fiel companheira de muitos anos, Rita, Teresa, Stout, Edith, Marina, Neném, os Fredericos, Smokey, Romeu e Fumi.

Uma pessoa sem saúde não vive com qualidade. Por isso, adupé Renata, minha psicóloga, sua sabedoria e sensibilidade me ajudaram a construir autonomia e coragem para buscar meu bem-estar. Adupé todes que trabalham para que o ambulatório trans de Florianópolis funcione. Adupé TRANSITA, rede de apoio para estudantes trans da UFSC.

Adupé professora Simone. Encontrei o equilíbrio perfeito nesse encontro entre orientadora e orientando. Me sinto solto o suficiente para voar nas minhas ideias e abraçado o quanto desejo para saber que tenho onde pousar para buscar novas pistas de caminhos.

Adupé todes professoras/es/ies que passaram pela minha formação, em especial Izzie, Eliane e Patrícia que aceitaram com prontidão compor a minha banca examinadora do trabalho de conclusão de curso, as escolhi porque acredito com muita força nas contribuições que já trouxeram para minha vida e com certeza trarão para este trabalho.

RESUMO

Este Trabalho de Conclusão de Curso teve como objetivo de estudo buscar pistas sobre como a literatura infantil pode tornar a sala de aula um lugar de acolhimento/pertencimento para crianças dissidentes de gênero na infância. A partir de três eixos principais: música, literatura e registros de experiência do pesquisador, por meio de uma pesquisa de inspiração cartográfica, o processo de criação do caminho foi sendo tecido. E como tracejo dessa andança, fluxos e descontinuidades, cinco versos organizados a partir da música “A Lenda” da multiartista Linn da Quebrada, traduzem as tramas que pude compor. “Julián é uma sereia”, livro infantil de Jessica Love, anuncia minha aposta, qual seja, de que a literatura infantil se trata de um recurso pedagógico que pode viabilizar uma experiência de acolhimento para crianças dissidentes na escola, capaz, assim, de aproximar crianças e pessoas adultas de histórias possíveis de crianças possíveis e famílias possíveis com relações possíveis, um mundo imaginado que é mais gentil com suas crianças dissidentes.

Palavras-chave: crianças dissidentes; literatura infantil; transgeneridade.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Livro “ <i>Julián é uma sereia</i> ”, escrito por Jessica Love.....	30
Figura 2: Livro “ <i>Julián é uma sereia</i> ”, escrito por Jessica Love.....	34
Figura 3: Vivências reais de crianças e adolescentes transgêneres dentro do sistema educacional brasileiro (2021) realizada pela Coordenação Nacional da Área de Proteção e Acolhimento a Crianças, Adolescentes e Famílias LGBTI+.....	38
Figura 4: Vivências reais de crianças e adolescentes transgêneres dentro do sistema educacional brasileiro (2021) realizada pela Coordenação Nacional da Área de Proteção e Acolhimento a Crianças, Adolescentes e Famílias LGBTI+.....	39
Figura 5: Livro “ <i>Julián é uma sereia</i> ”, escrito por Jessica Love.....	44
Figura 6: Livro “ <i>Julián é uma sereia</i> ”, escrito por Jessica Love.....	46
Figura 7: Livro “ <i>Julián é uma sereia</i> ”, escrito por Jessica Love.....	47
Figura 8: Livro “ <i>Julián é uma sereia</i> ”, escrito por Jessica Love.....	47
Figura 9: Livro “ <i>Julián é uma sereia</i> ”, escrito por Jessica Love.....	52

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ECA - Estatuto da Criança e do Adolescente

MESP - Movimento Escola Sem Partido

TLGB+ - Transgêneros e travestis, lésbicas, gays, bissexuais e mais

ANTRA - Associação Nacional de Travestis e Transexuais

IBRAT - Instituto Brasileiro de Transmasculinidades

APEOESP - Sindicato dos Professores do Ensino Oficial do Estado de São Paulo

STF - Supremo Tribunal Federal

PL - Projeto de Lei

PT - Partido dos Trabalhadores

TSE - Tribunal Superior Eleitoral

TGEU - Transgender Europe

OMS - Organização Mundial da Saúde

COVID-19 - Corona Virus Disease 2019

PNAD - Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua

SUMÁRIO

PRIMEIRO VERSO	13
2. SEGUNDO VERSO: “[...] ME ARRUMEI TANTO PRA SER APLAUDIDA MAS ATÉ AGORA SÓ DERAM RISADA [...]” - SOBRE AS CRIANÇAS DISSIDENTES DE GÊNERO	27
3. TERCEIRO VERSO: “[...] TÃO ESPERTA ESSA BICHONA, NÃO BASTA APENAS ESTUDAR [...]” - SOBRE ACESSO, PERMANÊNCIA E INCLUSÃO	31
4. QUARTO VERSO: “[...] VOU TE CONTAR A LENDA DA BICHA ESQUISITA [...]” - SOBRE O PAPEL DOS LIVROS E HISTÓRIAS	43
5. QUINTO VERSO: “[...] SEMPRE DESEJOU TER UMA VIDA TÃO PROMISSORA, DESOBEDECEU SEU PAI, SUA MÃE, O ESTADO, A PROFESSORA [...]” - SOBRE OS DESDOBRAMENTOS DA PESQUISA	51
REFERÊNCIAS	54

PRIMEIRO VERSO

Diante da imensidão do espaço-tempo, eu e Demétrio¹ nos encontramos: eu em minha trajetória profissional, elu² na sua trajetória escolar e nós dois em nossa dissidente existência. No início da minha transição me percebi desistindo da mulher cis que fui criado para ser; depois de conhecer Demétrio, deixei de representar uma desistência e passei a representar a coragem de ser uma pessoa completa e em eterna expansão do que sou. Comecei, com mais firmeza, a viver meu processo de ecdise. Descamando a minha própria identidade de gênero dentro da não-binariedade. E é assim que a história dessa pesquisa começa...

Estive em diversos ambientes de trabalho dentro da área da educação e um deles foi uma brinquedoteca, em Florianópolis. A brinquedoteca funciona como um espaço que recebe as crianças geralmente no contraturno escolar e é repleta de brinquedos e oficinas. Na época em que estive lá, também ofereceu suporte presencial para as crianças que estavam tendo aula à distância já que o pano de fundo dessa história que conto é a pandemia, pós-vacina.

Em março de 2020 a Organização Mundial da Saúde (OMS) declarou estado de pandemia global em relação à COVID-19, doença transmitida pelo coronavírus. As novas indicações de saúde causaram uma mudança brusca e repentina na organização social de todo o mundo. Segundo o artigo intitulado *COVID-19 pandemic impact on children and adolescents' mental health: Biological, environmental, and social factors*, de Figueiredo *et. al.* (2021), a infância e adolescência são períodos nos quais o cérebro está mais adaptável para a aquisição de novas habilidades e funcionalidades, a partir de

¹ Demétrio é o nome que peço licença para usar como pseudônimo para proteger o nome e a criança em que trarei fragmentos de sua história no encontro com a minha e com esta pesquisa. Demétrio Campos foi o segundo caso de retificação de nome após a morte no país. Demétrio foi suicidado em 2020, durante a pandemia, um período que foi especialmente cruel com pessoas LGBTQIA+ e negras pela falta de acesso a recursos financeiros e ataques transfóbicos e racistas sofridos (ao longo da vida). A assinatura da sentença foi dada pela sua mãe Ivone Campos durante o mutirão de requalificação civil realizado pela Defensoria Pública do Rio, no Dia do Orgulho LGBTQIAP+. Peço licença para tocar no nome de Demétrio para falar sobre e lutar pelo nosso direito de existir com qualidade de vida, acesso à saúde, educação, brincando e sorrindo.

² Ao longo do texto será usada a linguagem neutra em oposição à “estrutura linguística que enquadra a língua portuguesa em apenas dois gêneros como forma de fazer referência a alguém: masculino e feminino, não incluindo outras individualidades que não se veem dentro dessa dicotomia. E, ao masculino genérico da língua, no qual, há uma predominância do masculino diante de uma referência a um conjunto de pessoas em seus diferentes pluralismos, o exemplo mais claro e debatido está na palavra: “todos” (MENEZES; SILVA, 2021, p. 8).

um mecanismo chamado plasticidade neural, logo, crises e desafios tão grandes quanto viver uma pandemia podem desencadear danos fisiológicos, cognitivos e comportamentais, mas ao mesmo tempo, pela plasticidade neural é possível produzir ajustamentos outros (FIGUEIREDO *et. al.*, 2021).

O fechamento das escolas forçou a paralisação das relações sociais que antes contavam com presença no ambiente físico da escola, toques entre as crianças e adolescentes, interações olho a olho entre professor (a/e) e aluna (e/o) permitindo a construção de um vínculo mais profundo e benéfico para o processo de aprendizagem e desenvolvimento. Durante esse período foi determinado que as escolas realizassem aulas online, assim seria possível que as crianças estabelecessem relações virtuais. No entanto, vale ressaltar que o público que conseguiu ter acesso ao material necessário para participar das aulas ficou restrito às famílias com melhores condições e mais ricas. Além do acesso aos materiais para as aulas, a alimentação das crianças é outro ponto extremamente importante para o processo de desenvolvimento nesse período da vida, ambas as questões são atravessadas pela renda das famílias. No Brasil, segundo dados da *Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua* (PNDA Contínua), 20 estados tiveram taxa recorde de desemprego durante o primeiro ano da pandemia, as famílias dessas crianças antes contavam com renda familiar, alimentação e educação presencial nas escolas, garantido pelo Estado; com o caminhar da pandemia a instabilidade do país foi crescendo cada vez mais.

E ainda no país, o governo Bolsonaro caminhou na direção oposta a todas as indicações da organização mundial de saúde, o que levou o Brasil a totalizar aproximadamente 686 mil mortes até a presente data (04/10/2022). O então presidente definiu a doença como uma “gripezinha”, defendeu tratamento precoce que não conversava com o andamento das pesquisas científicas, imitou pessoas morrendo por asfixia, ou seja, negligenciou um assunto de extrema urgência, e seguiu na direção de uma política de enfrentamento que tinha o acento na morte, evidenciando que algumas vidas valiam mais que outras. Durante todo esse tempo crianças e adolescentes morreram em decorrência da doença e perderam familiares e amigas (os/ues), viveram situação de negligência e violência dentro de casa (tanto sendo agredidas (es/os), quanto presenciando a violência doméstica).

Aproximando o contexto pandêmico do tema da pesquisa, sabemos que a comunidade LGBTQIA+ é a que mais sofre violência dentro de casa, tendo a juventude muitas vezes expulsa do ambiente familiar. As crianças e adolescentes trans e

dissidentes, nem sempre assumidas (es/os) para a família, buscam um ambiente acolhedor e de pertencimento na escola e com seus pares, com o fechamento desse espaço/lugar elas (es/us) ficam reféns da abertura de cuidadoras (ies/es) para o tema. O Brasil é o país que mais mata pessoas trans e travestis no mundo³, não é difícil atrelar essa lógica à situação das crianças e adolescentes trans e dissidentes e construir pistas e conexões sobre como ficou afetada a saúde mental dessas pessoas.

A história da criança que me ajudou a construir grande parte das reflexões que compartilho nessa pesquisa não passou por um contexto tão violento, ela conta com pai e mãe presentes e aliadas (es/os) à causa LGBTQIA+.

Um dos pontos que foram refletidos, a partir da constatação do ambiente menos “desconfortável e inseguro” em relação a condições socioeconômicas e relações sociais dentro das instituições de educação que essa criança frequentava, é o fato de que a questão da identidade racial não era posta explicitamente em cena. Mas, como assim? Bem, lendo a dissertação de mestrado de Izzie Madalena Santos Amancio⁴ (2022), compreendi a partir dos estudos de Teodoro (2011) que as crianças de quatro e cinco anos conseguem fazer identificações étnico-raciais, sobretudo nos espaços de socialização e mais do que isso, que “[...] a predisposição para se identificar como ‘branca’ desenvolve-se, em geral, após o contato com indivíduos de grupos étnicos diferentes daqueles a que a criança pertence” (TEODORO, 2011 *apud* AMANCIO, 2022). Enquanto as crianças não-brancas desde muito cedo têm contato com sua identidade racial, seja pela potência do pertencimento à um grupo através da riqueza de sua cultura ou/e pelo racismo extremamente violento e específico do contexto brasileiro, contexto de um país colonizado - advindo de diversas direções, inclusive dentro da família, que em nome do cuidado orienta: não correr na rua, procurar não andar sozinha (e/o), andar sempre com documento, etc; no caso das crianças brancas, de modo geral, não têm essas instruções recebidas por não serem vítimas de abordagens violentas do Estado e da branquitude. A identidade racial não dita, diz. E, na maior parte das vezes, poder “não dizer” anuncia privilégios. Não me atrevo a classificar a família de Demétrio

³ De acordo com o Dossiê de Assassinatos e violências contra travestis e transexuais brasileiras de 2021, divulgado pela Associação Nacional de Transexuais e Travestis (ANTRA). A atualização de 2021 revelou ainda o total de 375 casos reportados de pessoas trans em 74 países em todo o mundo, entre 1 de outubro de 2020 e 30 de setembro de 2021. O Brasil permanece como o país que mais assassinou pessoas trans do mundo neste período, com 125 mortes, seguido do México (65) e Estados Unidos (53) (ANTRA, 2021, p. 72).

⁴ Dissertação de mestrado defendida no Programa de Pós Graduação em Educação (PPGE) da Universidade Federal de Santa Catarina, intitulada “Criança Trans: Articulando identidade de gênero e percepções sobre raça na infância numa perspectiva das diferenças”, sob a orientação da Profa. Dra. Patrícia de Moraes Lima e coorientação da Profa. Dra. Cristina Teodoro, em 2022.

racialmente, mas é importante evidenciar nesse trabalho o que foi percebido pelo meu olhar de branquitude crítica a partir da leitura das reflexões de Izzie Madalena Santos Amancio (2022).

BENTO (2012, *apud* AMANCIO, 2022), continua o raciocínio e me leva a outra reflexão:

Muito cedo elementos da identidade racial emergem na vida das crianças; diferentes autores destacam que entre 3 e 5 anos, a criança já percebe a diferença racial e, ao percebê-la, interpreta e hierarquiza; Crianças pequenas são particularmente atentas ao que é socialmente valorizado ou desvalorizado, percebendo rapidamente o fenótipo que mais agrada e aquele que não é bem aceito; Crianças pequenas brancas se mostram confortáveis em sua condição de brancas e raramente explicitam o desejo de ter outra cor de pele ou outro tipo de cabelo. Com frequência explicitam que branco é bonito e preto é feio (apontando bonecas, personagens de livros, colegas, professoras). (BENTO, 2012 *apud* AMANCIO, 2022)

Aqui, convido quem faz essa leitura a pensar o desconforto de fenótipos para o campo do “feminino” e “masculino” dentro da biologia cis e binária de gênero e sexo, fazendo um paralelo que caminha em uma linha muito delicada com o pensamento dos fenótipos raciais. Não se trata de uma disputa de opressão, tampouco uma comparação entre racismo e transfobia, mas sim de observar e identificar como os grupos que são oprimidos dialogam entre si na infância especificamente. Ao pensar pontualmente sobre isso, trago para perto a relação e algumas expressões de Demétrio e a participação de Gustavo na pesquisa de mestrado de Amancio (2022).

Gustavo, uma criança dissidente de gênero e autodeclarada branca, mais tardar morena e por fim negra ao longo do diálogo com Izzie conforme explicitado na página 140 no trecho em que ele diz “Eu sou branco, eu não sou branco. Eu sou um pouquinho branquinho, mas eu não sou tão. Misturado negrinho, mas eu sou um pouquinho negrinho, mas eu não sou tanto assim não. (Trecho da terceira oficina junto à criança, 02/08/2021)”, tem uma percepção bastante aguçada do racismo e faz críticas significativamente elaboradas sobre episódios de racismo citados por ele mesmo na página 142:

Gustavo - Apareceu alguns na televisão. Porque um cara disse que os negros, na época antigo, os brancos batiam nos negros. É verdade essa coisa? Aconteceu mesmo isso? Não entendi nada... porque os brancos batendo no negro. Vários filmes negros sendo empregados dos brancos. Aí eu não entendi nada. Filme de brancos e brancos maus que não deixam os outros brancos irem na casa dos outros. E que não gostam e que não gostam de ver o outro entrando na sua casa. Eu assisto vários vídeos, filmes, alguns dias, que tem uma coisa que eu não entendo nada! Filme de terror, do massacre. O negócio do cara... eu não entendi nada, eles ficaram fazendo coisas que eu não entendi. Eles faziam coisas nesse filme de terror, que não entendo (trecho retirado da quarta oficina com o Gustavo Oliveira, dia 29 de Julho de 2021).

Demétrio, por outro lado, não carrega esse debate verbalizado com essa elaboração, no entanto, observando sua relação com seu melhor amigo B., uma criança não branca, foi possível acompanhar momentos em que ambas crianças se defendiam e defendiam uma a outra das demais crianças do espaço educacional onde as acompanhei, essas crianças em questão eram todas brancas e cisheteronormativas.

Reconhecendo essa interseccionalidade e entendendo o recorte mais agarrado à dissidência de gênero que me proponho nesse trabalho, o lugar que chego é de que, ao menos nesses dois encontros citados acima, é possível notar que a empatia e posicionamento entre crianças que são frequentemente excluídas de espaços - ainda que por vias diferentes - é real e cria laços e percepções mais sensíveis em relação a gênero e raça, seja através de conversas, como no caso da entrevista com Gustavo, seja através da vivência, como observado na minha experiência com Demétrio e B. dentro da brinquedoteca - que descreverei no próximo parágrafo com uma apresentação mais detalhada sobre Demétrio.

Foi na brinquedoteca que conheci Demétrio, uma criança de aproximadamente seis anos de idade e que chegou à minha vida seguida de um comentário que carregava alguns rótulos e marcadores sociais da diferença⁵. A situação comentada por educadoras/es/ies daquele lugar era de que Demétrio queria fazer aulas de natação, mas não queria usar maiô ou biquíni porque não se sentia confortável, preferia a sunga. A mãe insistiu com a escola de natação que queria que a criança se sentisse confortável e, até onde sei, o acordo findou em um maiô preto que supostamente agradou a todas (es/os) envolvidas (es/os) na situação. Essa informação veio até mim como um comentário que passa quase com um tom de fofoca somada ao desejo de acolher aquela criança. É compreensível que essa situação, ao olhar das pessoas cis da instituição, tenha que passar pelos meus ouvidos, sentires e corpo, afinal, faço parte de um grupo marcado social, político, estético, de pessoas trans. Percebendo essa tarefa que me foi atribuída (mas mais instigado por uma voz que berra dentro de mim pela vida das crianças trans), fui encontrar a criança. Demétrio é uma criança extremamente

⁵ Aqui uso o conceito marcador social da diferença de acordo com a definição de Miranda e Lima (2019) que afirma que os “[...] marcadores sociais determinam socializações e sociabilidades que incluem ou excluem indivíduos e ou grupos na reprodução das subalternidades e desigualdades em nossa sociedade. Como exemplo dessas subalternidades em relação à sexualidade, podemos pensar que tais categorias dicotômicas, hierarquizadas e excludentes colocam a heterossexualidade como “normal”, “natural” e, ainda, “sadia” e a homossexualidade como par inferior” (MIRANDA; LIMA, 2019, p. 328).

envolvente. Simples e complexa. Repleta de certezas e contradições. Lembrarei delu por toda a vida, porque a nossa história juntas mais do que ter me capturado, foi o fio condutor e embrionário das ideias que compartilharei adiante.

Depois de um período com o retorno das atividades presenciais, passei a dar aulas para Demétrio em sua casa e ao passo que encontrava elu, encontrava também estatísticas tenebrosas nas pesquisas sobre a violência em relação às crianças e adolescentes trans no ambiente escolar. Em uma das pesquisas que tive acesso, foram entrevistados 120 pais, mães e responsáveis que reconhecem ter uma criança ou adolescente transgênero, moradores de 62 cidades em 17 estados brasileiros. Entre as pessoas entrevistadas, 77,5% informaram que suas (seus/sues) filhas (es/os), crianças e adolescentes, entre 5 e 17 anos, já foram vítimas de bullying transfóbico no ambiente escolar. Essa e as demais porcentagens da pesquisa sobre *Vivências reais de crianças e adolescentes transgêneros dentro do sistema educacional brasileiro* (NUNES, 2021), realizada pela Coordenação Nacional da Área de Proteção e Acolhimento a Crianças, Adolescentes e Famílias LGBTI+ me despertaram a necessidade de agendar uma reunião com a escola de Demétrio e conversar sobre como o corpo docente percebia elu na instituição. Uma das observações que fizemos, eu e a mãe, foi que em casa elu tinha uma fluidez de leitura e escrita muito boa, enquanto na escola a professora já havia feito algumas queixas sobre o seu “desempenho”. A investigação naquele momento consistiu em perceber quais são as diferenças entre esses ambientes que evidenciaram comportamentos tão distintos e tentar, talvez, um alinhamento, porque a ideia dessa coexistência nunca foi de substituição e sim de construção conjunta e ampliação de possibilidades.

Foi se evidenciando na minha observação que os constrangimentos que a vida pública (escola) trazia para elu interferia diretamente no seu desenvolvimento escolar e social, na sua disposição para ocupar e interagir naquele espaço, enquanto na sua vida privada, dentro de casa a experiência era a do acolhimento da família e liberdade para escolher roupas, brinquedos e a presença de um educador que representava identificação em algum grau, o que construía uma relação de confiança essencial para o processo de aprendizagem e desenvolvimento.

É importante ressaltar que são poucas as crianças que têm o acolhimento dentro da esfera privada, conforme divulgado na pesquisa *“Vivências reais de crianças e adolescentes transgêneros dentro do sistema educacional brasileiro”* de 2021. Ou seja,

houve e há diversas crianças que não têm sequer a possibilidade de ser quem são dentro de casa com a sua família ou cuidadoras (es/ies).

Essa transgressão também causa perturbações nos outros ambientes que a criança está inserida, sendo as relações familiares uma das maiores e mais frequentes fontes de violência, física, psicológica ou verbal. Crianças que fogem ao comportamento da norma heterocisnormativa se encontram, muitas vezes, em ambientes agressivos e abusivos ao serem isoladas e rejeitadas por familiares, além das invasivas pedagogias corretivas (SEDGWICK, 1991).

Dito isso, pergunto: qual a relação entre a criança dissidente e o processo de evasão escolar? Evasão ou expulsão? “Evasão”, segundo o dicionário Michaelis⁶, significa “ação ou processo de evadir, de deliberadamente fugir”. E como desdobramento dessa aproximação conceitual, outras perguntas são desencadeadas: as crianças escolhem fugir e escapar das escolas? Para onde exatamente vão quando escolhem a linha de fuga? Estão fugindo e escapando de quem e do que efetivamente?

Considerando esses destaques, a partir daqui passo a utilizar o termo *expulsão escolar* porque conforme Bortolini (2008) afirma, essas crianças vão para fora da escola não por uma limitação pessoal, mas por uma máquina de exclusão que a empurra permanentemente para a marginalidade da vida social, o que as torna um segmento populacional extremamente vulnerável.

Sobre isso, é preciso dizer que a LGBTQIAfobia impacta diretamente na esfera dos sentimentos, da dignidade, do acesso e da permanência na escola. As agressões físicas e verbais, a destituição de esperanças, de sobrevivência digna, além das exclusões constantes às quais essas crianças são submetidas corriqueiramente no cotidiano escolar - quando comumente são inferiorizadas ou reprimidas -, criam situações tristes de constrangimentos, sofrimento psíquico intenso, o que impulsiona a saída dessas pessoas das escolas, dificultando seu acesso ao mercado de trabalho, obrigando-as à sujeição de subempregos e atividades estigmatizantes (ABRAMAVOAY, 2009).

A soma desses estigmas e a experiência cotidiana de situações vexatórias e de violências, etc. vividas por essas crianças, produz um sentimento de não pertencimento àquele ambiente e, portanto, a forma de se livrar desses estigmas e violências, num primeiro momento, pode ser o de escapar desse espaço tão hostil.

⁶ Disponível em: <<https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/evasao>> Acesso em 14/11/2022.

O acolhimento de crianças dissidentes de gênero nas escolas também enfrenta obstáculos macro políticos, para além de enfrentamentos que perpassam as relações interpessoais do dia a dia. O PL 7180/2014, por exemplo, ataca a infância, professoras (es/ies) e, sobretudo, a educação. O Projeto de Lei prevê a proibição da “prática de doutrinação política e ideológica” pelo corpo docente. Além disso, ele veta conteúdos que não estejam de acordo com as convicções morais e religiosas das/es/os responsáveis da criança, atribui deveres às professoras (es/ies), deveres esses que são expostos nas paredes da sala de aula, como um vigia, um lembrete para a obediência.

Desde 1990, principalmente com os investimentos das igrejas neopentecostais a campanhas eleitorais de seus pastores, o fundamentalismo religioso passou a fazer parte da política do Brasil com maior veemência. O fundamentalismo da “bancada evangélica” - expressão que não retrata a participação existente do conservadorismo católico presente no grupo - se define pela ideia de que há uma verdade absoluta que anula qualquer possibilidade de diálogo. São pessoas ativas aliadas a latifundiários e defensores do armamento (bancada BBB - boi, bala e bíblia), agindo contra o direito ao aborto, políticas de combate a homofobia, etc. Com o avanço do discurso abertamente conservador, as escolas passaram a ser acusadas de “doutrinação ideológica”, expressão que consiste na ideia de que professoras/es/ies expressam opiniões consideradas impróprias em sala de aula.

A principal organização fruto do conservadorismo que tenta invadir as escolas é o Movimento Escola Sem Partido (MESP de agora em diante). Foi fundado em 2004 por Miguel Nagib e permaneceu sem grandes movimentações até 2010, depois desse ano passou a ser mais citado entre os debates sobre educação no Brasil. No entanto, foi em 2016, com o golpe sofrido pela presidente Dilma Rousseff que a proposta do MESP passou a ser orientadora do trabalho do novo Ministro da Educação, o administrador e político pernambucano Mendonça Filho.

Os desencadeamentos da presença do movimento no governo foram inúmeros, o principal que interessa a esse trabalho é o combate à "ideologia de gênero". O pânico moral que dita os rumos desse combate surge com o avanço do combate a homofobia e sexismo nas escolas nos anos anteriores, ou seja, a preocupação central do conservadorismo religioso é com a educação. Entende-se que as crianças seriam mais vulneráveis à “ideologia de gênero”, que impediria a consolidação das identidades femininas e masculinas, carregadas de seus papéis sociais e pacote cisheteronormativo. Vale lembrar que apesar do MESP abrir mais os caminhos para o conservadorismo, sua

origem está ligada ao combate à “doutrinação marxista” nas escolas. A ligação entre os dois temas pode ser ilustrada pelo trabalho de Olavo de Carvalho (falecido em janeiro de 2022), defensor da extrema-direita. Para ele, a dissolução da educação moral sexual convencional é um passo da estratégia comunista. Quando a “ideologia de gênero” ganha maior destaque que a “doutrinação marxista” o MESP tem um crescimento significativo. O discurso que antes se tratava da defesa de uma educação “neutra”, agora cede espaço à noção da moral da família sobre a escola. Ou seja, a reivindicação é impedir que professoras/es/ies tragam para sala de aula qualquer conteúdo que caminhe contrário aos valores prezados pela família da criança.

Em um livro escrito por Moreira (2012), chamado “Professor não é educador”, o autor desenvolve a ideia que aparece em entrevista com Wurmeister de que a escola que educa está “usurpando uma das tarefas sagradas da família” (WURMEISTER, 2012) e completa mais adiante que a tarefa de educar compete “à família, à sociedade e à igreja” (WURMEISTER, 2012).

Um dos slogans utilizados em campanhas do MESP foi “Meus filhos, minhas regras” colocando as crianças em lugar de submissão absoluta de suas cuidadoras/es/ies, tratadas como propriedades. Miguel (2016), traz duas percepções sobre a expressão: a primeira é a negação do caráter republicano da instituição escolar. A função pedagógica da escola incorpora de forma central a educação para o convívio com diferentes visões de mundo, como uma sociedade pluralista e democrática. A socialização na escola promove o contato com valores diversos daqueles que estão presentes na família. A segunda percepção é a negação do Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA daqui em diante), esse documento reforça a importância da criança como sujeito de direitos, direitos que incluem conhecer o mundo e adquirir os instrumentos para pensar a partir de si.

Para oferecer e construir ferramentas de autonomia e pensamento crítico com as crianças é preciso que a educação seja prática da liberdade, e a prática da liberdade pede abertura de quem educa para que também seja educada (e/o) no processo de ensino-aprendizagem, portanto, é necessário que quem educa traga suas experiências e visões de mundo, não como verdade absoluta, mas como alguém que pertence àquele

grupo e representa uma das pluralidades dessa comunidade, pois conforme hooks⁷ (2013) escreve:

Quando a educação é a prática da liberdade, os alunos não são os únicos chamados a partilhar, a confessar. A pedagogia engajada não busca simplesmente fortalecer e capacitar os alunos. Toda sala de aula em que for aplicado um modelo holístico de aprendizado será também um local de crescimento para o professor, que será fortalecido e capacitado por esse processo. Esse fortalecimento não ocorrerá se nos recusarmos a nos abrir ao mesmo tempo em que encorajamos os alunos a correr riscos. Os professores que esperam que os alunos partilhem narrativas confessionais mas não estão eles mesmos dispostos a partilhar as suas exercem o poder de maneira potencialmente coercitiva (hooks, 2017, p.35).

Além do distanciamento entre educador (a/e) e educanda (e/o) evidenciado por hooks, o distanciamento também cresce entre educanda (e/o) e discussão acadêmica, já que sem partilha não é possível fazer conexões entre as “*narrativas confessionais*” e as discussões acadêmicas para mostrar de que modo a experiência pode iluminar e ampliar nossa compreensão do material acadêmico.

hooks foi uma autora, teórica feminista, professora, artista e ativista antirracista, escreveu mais de 40 livros, frequentou escolas segregadas no Condado de Christian, depois foi para a Universidade de Stanford na Califórnia e fez mestrado em inglês na Universidade de Wisconsin. O doutorado em literatura, por sua vez, foi na Universidade da Califórnia em Santa Cruz. A autora, que trabalhou como professora universitária - teve encontros e conversou muito em seus textos com o educador e terceiro autor mais citado em trabalhos acadêmicos no mundo, Paulo Freire, patrono da educação brasileira. Sua teoria vai contra tudo que o MESP representa, movimento construído por Miguel Nagib, advogado, e colocado em prática com o apoio de Mendonça Filho, ex-ministro da educação com formação de administrador.

Na lógica do MESP, valores morais da individualidade “da família de Nagib ou de Mendonça Filho”, por exemplo, se sobrepõe à construção de uma comunidade plural e democrática através da educação sem mordada, com o suporte de um corpo docente diverso que não deixam sua subjetividade na porta da sala de aula antes de entrar. Tampouco as crianças chegam neutras às escolas, não existe maneira de impedir que as crianças tragam assuntos e opiniões diversas, e na verdade acompanhar esses debates para que sejam feitos de maneira respeitosa e acolhedora da diversidade é um direito das

⁷ bell hooks é o pseudônimo adotado por Gloria Jean Watkins em homenagem a bisavó materna; a grafia do seu nome é escrita em minúsculo porque queria ser conhecida pelo conteúdo de sua obra, faleceu precocemente em dezembro de 2021.

crianças previsto pelo ECA no artigo 58 que diz que: “No processo educacional respeitar-se-ão os valores culturais, artísticos e históricos próprios do contexto social da criança e do adolescente, garantindo-se a estes a liberdade de criação e o acesso às fontes de cultura”.

Compreendo que a escola precisa ser um espaço de acolhimento das diferenças porque “Ensinar de um jeito que respeite e proteja as almas de nossos alunos é essencial para criar as condições necessárias para que o aprendizado possa começar do modo mais profundo e mais íntimo” (hooks, 2017, p.25). Não digo que crianças e alunas/es/os estejam em busca de educador (a/e) terapeuta, trata-se de uma educação que cure seu espírito desinformado, querem um conhecimento significativo, de acordo com hooks.

E Demétrio? Demétrio mudou de escola três vezes entre 2021 e 2022. Sua condição financeira e privilégio racial com certeza contribuíram para que as consequências não tivessem um preço mais caro do que esse, como visto em diversas notícias citadas mais adiante de crianças dissidentes de gênero negras e pobres que perdem completamente o acesso à escola e são vítimas de violência física. Ainda assim, eu percebia seus olhinhos murcharem e se apequenarem com o passar das tentativas de novas adaptações e busca por um território que pudesse chamar de seu. Acompanhando as barreiras que a criança e família encontravam pela frente, entendi que muito embora os dados de expulsão sejam resultado de pesquisas feitas com estudantes do ensino fundamental II e ensino médio, a exaustão dessa relação conflituosa que a escola insiste em ter com essas crianças e famílias muitas vezes têm seu estopim alcançado neste nível de escolaridade, mas tem seu início desde os primeiros contatos com a instituição. Ainda que muitas vezes na escola algumas violências não tivessem suas motivações bem compreendidas pela vítima, o constante sentimento de não pertencimento existiu.

E nesse caminho de encontros, mobilizações e interrupções, localizei como desejo e objetivo desse estudo: **buscar pistas sobre como a literatura infantil pode tornar a sala de aula um lugar de acolhimento/pertencimento para crianças dissidentes de gênero na infância.**

Tentando criar o como fazer e tornar o caminho possível, busquei artigos, livros, filmes, músicas, podcasts e todo tipo de arte, as novas lentes⁸ que o processo todo pedia. E nessa busca, esbarro/encontro com um livro infantil chamado “*Julian é uma sereia*”

⁸ Filmes: Valentina (2017); Disclosure: ser trans em Hollywood (2020); Transversais (2021) e Que corpo é esse? (2018). Livros: Princesa Kevin (2020); Joana Princesa (2019); Fausto, o dragão que queria ser dragão (2022); Minha criança trans (2020); Velhice transviada (2019) e Vinco (2022).

de Jessica Love. Pelas inconstâncias da vida não pude, ainda, apresentar/ler o livro para Demétrio, mas não podia - e na verdade sequer tentei - controlar a sede de novas ideias e reflexões acerca da educação de crianças em dissidência de gênero, arte trans, acadêmiques trans, a organização política da comunidade trans, enfim. Faço essa pesquisa porque eu nem tenho outra opção. Estou refém de mim mesmo e aí reside uma escolha consciente sobre o ato.

O processo de escolha do livro, talvez não tenha sido dos mais sofisticados que a academia nos impele a fazer, não pensei a priori muitos critérios conscientemente, mas pensar sobre essa escolha depois de tê-la feito, ou seja, fazer o caminho de trás para frente trouxe alguns pontos de reflexão: - a primeira questão foi que nessa busca de materiais encontrei uma lista de livros infantis com protagonismo dissidente, no entanto, precisei escolher dois livros para comprar - *“Julian é uma sereia”*, de Jessica Love e *“Joana princesa”*, de Janaína Leslão - porque o valor da literatura infantil no Brasil é ainda inacessível e o acesso à essa categoria de literatura com temática dissidente nas bibliotecas públicas não têm tanta presença; entre os dois, me debruçarei sobre o livro *“Julian é uma sereia”* que traz ilustrações belíssimas de uma criança não-branca dissidente de gênero e sua avó em uma aventura.

Temas como a fuga da normatividade de configuração familiar, expressão de gênero e identidade racial foram pontos que definitivamente me fazem escolher o livro e desejar levá-lo a escola como histórias possíveis e reais; além disso, por meu corpo inteiro se expandir no encontro com os primeiros anos da infância e ensino básico - expressão de um interesse fortemente marcado -, outros indicadores são as imagens, verdadeiras obras de arte e o pouco texto, que abre um caminho pedagógico, estético, imaginativo potente para a introdução do letramento e construção de uma relação estreita com a literatura; por fim, muito embora a autora Jessica Love seja uma pessoa cis, conseguiu incorporar em seu livro uma ideia que constantemente atravessa minha mente sobre a conexão que crianças trans estabelecem com sereias. Esses seres que rompem a relação entre gênero e sexo biológico e carregam estigmas que também atravessam crianças dissidentes de gênero em alguma instância.

A pesquisa foi organizada a partir de três fios que se tramam: minha história com Demétrio, o livro *“Julian é uma sereia”* e a música *“A lenda”*, de Linn da Quebrada, cujos versos me ajudaram com a poesia desenhar formas para compreensão do texto e produção de pistas analíticas. Entre os riscos e rabiscos de uma pesquisa de

inspiração cartográfica, os versos e as composições analíticas são tecidas e compartilhadas...

Lina Pereira, vulgo Linn da Quebrada, é artista multimídia, agitadora cultural, cantora, atriz, fracasso de tudo que esperavam que fosse, nem homem, nem mulher, travesti, com as palavras que ela mesma usa para falar sobre si. A escolha dessa música emergiu, na verdade, como a permissão que concedi ao meu desejo de trazer para a pesquisa acadêmica essa sensibilidade poética. O álbum *Pajubá* (2017) fez parte da trilha sonora do momento da minha vida que escrevo esse trabalho, essa canção particularmente me provocou grande parte dos pensamentos que aqui compartilho.

A permissão a que me refiro relaciona-se com a metodologia que utilizo para escrever. O alívio da culpa de fugir da linguagem acadêmica inacessível encontrou suspiro e abrigo na cartografia. Lendo sobre o processo de divagação de quem cartografa, me encontrei no trecho que Costa (2014) escreve:

Ao invés de perguntar pela essência das coisas, o cartógrafo pergunta pelo seu encontro com as coisas durante sua pesquisa. No lugar de o que é isto que vejo? (pergunta que remete ao mundo das essências), um como eu estou compondo com isto que vejo? Este segundo tipo de pergunta nos direciona ao processo, entendendo o cartógrafo enquanto criador de realidade, um compositor, aquele que com/põe na medida em que cartografia (COSTA, 2014, p. 70).

Gostaria de compartilhar o desafio que foi refletir sobre metodologia científica, me sinto compreendido lendo hooks dizendo que “(...) não é fácil dar nome a nossa dor, torná-la lugar de teorização” (hooks, 2017, p. 102). As ideias que surgem acerca desse tema não chegam de forma sistematizada, vão se achegando e tomando forma como um espiral, uma curva plana que gira em torno de um ponto central, dele se afastando ou se aproximando segundo uma determinada lei. Encontrar a metodologia que ia ao encontro com a forma que eu gostaria de expressar o que tenho a dizer e pesquisar, é encontrar essa lei. Por isso, no campo metodológico me ancoro no caminho suscetível, quase inerente, a contaminações e variações produzidas no processo, muitas vindas de mim mesmo, de questões que me atravessam intimamente. Ainda ao lado de Costa (2014), compartilho de seu pensamento: eu não apenas coletei dados, produzo; não julgo, coloco em questão forças que pedem julgamento (COSTA, 2014, p. 70). A cartografia é um plano movente, o campo está em contínuo movimento, assim como eu, sendo assim, esse chão que cartógrafo levanta poeira, e essa “sujeira” que contamina meu trabalho é exatamente a mistura necessária.

Organizei minha pesquisa de uma forma que fosse fiel ao espiral de pensamentos que costuro a partir de três fios: a música, a literatura e a experiência. No segundo verso, denominado “[...] *Me arrumei tanto pra ser aplaudida mas até agora só deram risada [...]*” - *sobre as crianças dissidentes de gênero* converso com Sofia Favero, Judith Butler, Izzie Madalena, cito Paul Preciado, Silvio Almeida e o livro de Alexandro Rodrigues para explicar o porquê flutuo entre o uso de dois termos ao longo do texto, “crianças dissidentes de gênero” e “crianças trans”. Esse verso da música da multiartista Linn da Quebrada, para mim, embala as crianças que no processo de autopercepção e auto expressão, apesar do seu esforço para se sentirem bem consigo e fiel à quem são, são objeto de escárnio para a cisheteronormatividade, e por isso o escolhi para intitular esse momento da pesquisa. Trago, ainda, uma página do livro “*Julián é uma sereia*” em uma imagem que convida quem lê para criar conexões e diálogos com suas vivências, viagens que a arte proporciona. Por fim, a presença da experiência de Demétrio nos nossos encontros, na família e na escola, onde deixo um fio que nos conduz ao próximo verso.

Verso três. “[...] *Tão esperta essa bichona, não basta apenas estudar [...]*” - *sobre acesso, permanência e inclusão*. Nesse momento apresento alguns dados de pesquisas e chamadas de noticiários, além disso comento os resultados que surgem apresentando resoluções e políticas públicas voltadas para o tema ao passo que refuto o polêmico kit gay, um delírio de Jair Bolsonaro. Me aproximo desses materiais logo após contar sobre meu encontro com a escola de Demétrio buscando pistas de como se posicionar e responder às transfobias já evidenciadas na pesquisa até então. Existe um caminho?

O quarto verso “[...] *Vou te contar a lenda da bicha esquisita [...]*” - *sobre o papel dos livros e histórias* aponta a minha aposta principal: a literatura infantil. Além de bater um breve papo com os escritos de Debus, quem me ajuda a refletir sobre o que significa direcionarmos uma literatura com temas e linguagens específicas para crianças, apresento mais algumas páginas do livro de Julián com observações que fiz durante a leitura. Consigo me enxergar no livro e enxergar minha relação com Demétrio nessa história e então abro um pouco da minha intimidade para compartilhar a que pé anda nossa amizade.

Por fim, o quinto e último verso “[...] *sempre desejou ter uma vida tão promissora, desobedeceu seu pai, sua mãe, o Estado, a professora [...]*” - *sobre os desdobramentos da pesquisa*, de forma breve, escrevo sobre a necessidade de viver a

cartografia no dia a dia docente relacionando essa ideia com o conceito de autoatualização de hooks. Para concluir, apresento o início de um repertório de referências trans brasileiras.

*Vou te contar a lenda da bicha esquisita
 Não sei se você acredita, ela não é feia (nem bonita)
 Mas eu vou te contar a lenda da bicha esquisita
 Não sei se você acredita, ela não é feia (nem bonita)
 Ela sempre desejou ter uma vida tão promissora
 Desobedeceu seu pai, sua mãe, o Estado, a professora
 Ela jogou tudo pro alto, deu a cara pra bater
 Pois pra ser livre e feliz tem que ralar o cu, se foder
 De boba ela só tem a cara e o jeito de andar
 Mas sabe que pra ter sucesso não basta apenas estudar
 Estudar, estudar, estudar sem parar
 Tão esperta essa bichona, não basta apenas estudar
 Fraca de fisionomia, muito mais que abusada
 Essa bicha é molotov, o bonde das rejeitada
 Eu tô bonita? (tá engraçada)
 Eu não tô bonita? (tá engraçada)
 Me arrumei tanto pra ser aplaudida mas até agora só deram risada
 Eu tô bonita? (tá engraçada)
 Eu não tô bonita? (tá engraçada)
 Me arrumei tanto pra ser aplaudida mas até agora só deram risada
 Abandonada pelo pai, por sua tia foi criada
 Enquanto a mãe era empregada, alagoana arretada
 Faz das tripas o coração, lava roupa, louça e o chão
 Passa o dia cozinhando pra dondoca e patrão
 Eu fui expulsa da igreja (ela foi desassociada)
 Porque "uma podre maçã deixa as outras contaminada"
 Eu tinha tudo pra der certo e dei até o cu fazer bico
 Hoje, meu corpo, minhas regras, meus roteiros, minhas pregas
 Sou eu mesmo quem fabrico
 Eu tô bonita? (tá engraçada)
 Eu não tô bonita? (tá engraçada)
 Me arrumei tanto pra ser aplaudida mas até agora só deram risada
 Eu tô bonita? (tá engraçada)
 Eu não tô bonita? (tá engraçada)
 Me arrumei tanto pra ser aplaudida mas até agora só deram risada
 Eu tô bonita? (tá engraçada)
 Eu não tô bonita? (tá engraçada)
 Me arrumei tanto pra ser aplaudida mas até agora só deram risada
 Eu tô bonita? (tá engraçada)
 Eu não tô bonita? (tá engraçada)
 Me arrumei tanto pra ser aplaudida mas até agora só deram risada
 (QUEBRADA, 2017)*

SEGUNDO VERSO: “[...] ME ARRUMEI TANTO PRA SER APLAUDIDA MAS ATÉ AGORA SÓ DERAM RISADA [...]” - SOBRE AS CRIANÇAS DISSIDENTES DE GÊNERO

Figura 1: Livro “*Julián é uma sereia*”, escrito por Jessica Love



Fonte: (LOVE, 2021)

Ao começar a escrever essa seção, passei por diversos questionamentos, precisei tentar definir de alguma forma o que significa ser trans. Reduzir esse debate a uma forma positivista de fazer ciência é raso demais quando se fala em identidade. Como bem me tem sido lembrado ao longo da pesquisa pela minha orientadora, é necessário cuidar do caminho e do caminhante, eu sabia que conceituar de forma acadêmica e sistemática um tema que aparece na minha vida de forma tão íntima e agarrada na minha biografia, iria me trazer muitas perguntas antes de qualquer resposta. E foi nessa primeira topada que levei sobre o que significa ser uma criança trans que encontrei Sofia Favero me mostrando muitos caminhos...

A transgeneridade não está necessariamente e diretamente relacionada com a expressão de gênero, embora Butler traga, em “*Problemas de Gênero*”, que

O gênero é a estilização repetida do corpo, um conjunto de atos repetidos no interior de uma estrutura reguladora altamente rígida, a qual se cristaliza no tempo para produzir a aparência de uma substância, de uma classe natural de ser. A genealogia política das ontologias do gênero, em sendo bem sucedida,

desconstruiria a aparência substantiva do gênero, desmembrando-a em seus atos constitutivos, e explicaria e localizaria esses atos no interior das estruturas compulsórias criadas pelas várias forças que policiam a aparência social do gênero (BUTLER, 2003, p.59).

Por transgêneros entendemos aquelas pessoas que assumem uma identidade de gênero diferente daquela que lhe foi atribuída, transcendendo as barreiras de gênero. Trata-se de uma identidade que se sente, entende e se reconhece como, talvez não tão simples quanto esses três passos, mas um movimento que precisa sair de dentro, e não o contrário. Conforme define Izzie Madalena, “identidade de gênero é uma construção cultural que deve partir da autopercepção e autoproclamação por cada indivíduo em uma dada sociedade” (AMANCIO, 2019, p. 22). Por que faço esse destaque? Muitas vezes as crianças trans são colocadas dentro dessa categoria sem que elas tenham feito o reconhecimento dessa identidade, isso entra em contradição com o processo de autoidentificação como uma pessoa trans.

Portanto, não me cabe aqui categorizar crianças pela forma que vive suas vidas e fazem as escolhas que fazem impondo gênero, ainda que trans, isso lembra o cis-tema, que através dessas categorias exercem suas posturas extremamente adultocêntricas. Ou seja:

Sujeitos que não se identificam ou não concordam com o gênero que lhes foi atribuído, podem reivindicar o pertencimento a uma identidade trans*. Assim, partimos do pressuposto que a identidade parte sempre do sujeito, independente de como a sociedade o compreende, caso contrário, estaríamos caindo em um determinismo cultural. Sendo assim, é possível compreender que existem homens cisgêneros, mulheres cisgêneras, homens transgêneros, mulheres transgêneras e, entre outras identidades (AMANCIO, 2019, p. 22).

Então optei pelo uso do termo “*Crianças em dissidência de gênero*”, termo que dá nome ao livro organizado por Alexandro Rodrigues (2018) e também é utilizado por Preciado no texto “*Uma escola para Alan*”, em seu livro “*Um apartamento em Urano*” (PRECIADO, 2020). Pensar em dissidência é pensar em cisão, rompimento. E nesse caso, rompimento com os estereótipos de gênero, um movimento que pode ser de fato identificado através de características de expressão de gênero, sejam elas físicas, comportamentais, emocionais, etc. Essas crianças que rompem com essa barreira são as que se arrumam para serem aplaudidas e são objeto de escárnio, como nomeio esse momento da pesquisa. São as crianças que enfrentam a imposição da cisgeneridade fazendo a desassociação do sexo biológico com o gênero, muito embora na grande parte das vezes façam isso inconscientemente. Muitas crianças são letradas sobre o tema e

tem vocabulário para verbalizar sua identidade de gênero, mas nessa pesquisa eu englobo não apenas as crianças que têm esse entendimento de si, mas todas as crianças que não cabem no sistema cisheteronormativo.

Então por que, ainda assim, insisto em trazer o termo “crianças trans” para a pesquisa? O propósito dos rótulos nesse contexto não é a taxação de gênero e sexualidade, mas sim o espaço para surgimento de variadas possibilidades. Trazer a categoria trans para a infância e produzir materiais acadêmicos, midiáticos, etc. com o uso dessa palavra-chave é necessário, pois são as vias que - ainda que pouco - tem maior reconhecimento em casos de reivindicação de direitos, dando maior suporte para a organização política de movimentos sociais. O raciocínio segue a ideia de Favero (2020) em relação à transexualidade na infância e a medicina, quando escreve que

[...] fazer da transexualidade na infância uma questão médica, embora seja, sim, uma estratégia patologizante, permanece sendo um dos únicos meios de promover cuidado a essa população. Crianças trans, então é um termo que dá indícios de cumprir explicitamente a função de levá-las à clínica, diante da produção de um precário (mas ainda assim real) tipo de bem-estar (FAVERO, 2020, p.23).

Por outro lado, com a dinâmica das relações de força da sociedade surgem conflitos entre os diversos grupos tornando-se lutas políticas e sociais mais agudas prestes a comprometer a reprodução de uma sociedade que empurra o binarismo cisgênero goela abaixo, e então o Estado cisheteronormativo se posiciona através da intervenção - como, por exemplo, a implementação de alguma política pública -, que para o professor Silvio Almeida é definida como:

[...] limitar a ação destruidora de certos grupos de interesse e, eventualmente, até mesmo permitir a implementação de mecanismos que assegurem alguma forma de participação popular que restaure a legitimidade do sistema (ALMEIDA, 2019, p.74).

Sendo esse grupo a população *queer* e a ação destruidora as reivindicações de direitos, a própria existência de pessoas trans e o alastramento do debate acerca da liberdade sexual e de gênero, nesse contexto principalmente no ambiente escolar.

Ou seja, é a partir da negação da perpetuidade desse cis-tema “morde e assopra” que se ergue a imprescindibilidade do uso dos termos nomeados acima e que categorizam a sociedade, mas ainda assim, mobilizam movimentos sociais e as próprias

respostas do Estado através de políticas públicas e também de organizações não governamentais através da população. No entanto, ainda que essas brechas sejam importantes passos para uma construção estratégica que busca mais do que o mínimo, essa negação da perpetuidade só se fortalece com maior consistência quando esses debates são alastrados em ambientes que concentram a germinação e disseminação de novos conhecimentos, espaços educativos, a execução das ações destruidoras que o Estado tenta conter através concessões e limitações.

Resgatando a minha história com Demétrio é possível identificar situações dos nossos encontros que me despertaram o olhar para a importância de trazer representatividade e pouco a pouco ajudar a nomear desejos e sentimentos, contar a ele sobre minhas vivências, me aproximar ainda mais da família e escola em que Demétrio estudava na época. Mais de uma vez enquanto jogávamos alguns jogos e fazíamos atividades nas quais era necessário escrever algumas palavras, ele tentava variar substantivos uniformes, ou seja, aqueles que não possuem variação de gênero, por exemplo: ele queria escrever gaivoto e não gaivota, e assim sucessivamente em mais uma série de palavras ao longo dos nossos encontros. Nessas situações conversamos sobre a variação das palavras, explicando que nem todas se classificam por gênero dessa forma e que em alguns casos, como no de pessoas, o gênero é mutável e a palavra se flexibiliza. Foi difícil, no calor do momento, achar as palavras e ferramentas certas para trazer um debate mais profundo considerando a pouca idade dele, mas a aprendizagem é um processo contínuo e com o passar dos encontros o planejamento se altera de acordo com a nova prioridade de demandas, o que permite educador/a/e ampliar suas pesquisas e assim construa novas atividades pedagógicas que acolham o tema com mais qualidade.

Mesmo antes de conhecer a família de Demétrio já imaginava que seriam pessoas bastante abertas visto que ele tinha autonomia para escolher seu corte de cabelo, roupas, brinquedos e atividades que fazia - escolhas essas que quase sempre divergiam das “escolhas das meninas”. Quando me aproximei da família, dando aulas dentro da casa, tive contato mais íntimo com a mãe de Demétrio e confirmei minha ideia. Era de fato uma mãe sensível aos desejos da criança e preocupada com a sua relação com a escola - visto que chamava meu trabalho para complementar as atividades escolares - e também com as relações sociais, especificamente com colegas da escola.

A preocupação da mãe era compreensiva. Na reunião que tive com a professora de Demétrio e a coordenadora do colégio, senti fragilidades no modo como lidavam

com a situação. As expressões faciais da recepção do meu corpo naquele espaço já declaravam um estranhamento que estabelece um ambiente desconfortável para uma conversa construtiva, na qual fiz questão de ter com calma e disposição, mas de primeira já imaginei como seria a recepção do corpo de Demétrio naquele lugar, todo dia. A escola precisa ser um espaço seguro e acolhedor para que o processo de ensino aprendizagem seja construído de forma consistente. No próximo verso, discutiremos o por que o acesso a escola não é suficiente, tomando emprestado uma das histórias de Demétrio nesse colégio.

TERCEIRO VERSO: “[...] TÃO ESPERTA ESSA BICHONA, NÃO BASTA APENAS ESTUDAR [...]” - SOBRE ACESSO, PERMANÊNCIA E INCLUSÃO

Figura 2: Livro “*Julián é uma sereia*”, escrito por Jessica Love



Fonte: (LOVE, 2021)

Em reunião com a escola de Demétrio, um dos pontos que mais me chamou a atenção foi a naturalidade com a qual a professora comentou sobre o isolamento da criança durante o intervalo, foi curioso ouvir como ela percebe o que leva Demétrio a fazer isso, como se fosse uma escolha sua e mais do que isso, tentar compreender o que levou a professora a trazer suposições e não um diálogo que já havia acontecido entre eles sobre o assunto, uma vez que ela já trazia a observação do afastamento. O intervalo, momento do “lanche”, não se restringe ao comer com o significado simplista que algumas culturas na modernidade atribuem a essa ação. A disposição do espaço de comer é influente na socialização das pessoas que estão compondo tal lugar, quem senta ao lado de quem, quem não quer sentar ao lado de quem, quem quer compartilhar seu alimento, com quem quer compartilhar, as conversas sobre os sabores, a nutrição e outros papos que rodeiam esse ambiente... todos esses fatores são alimentados por e alimentam as relações.

A professora me contou que Demétrio geralmente comia sozinho, quase que escondido, e o motivo (segundo ela) era a divergência do lanche das outras crianças. O

argumento que trouxe para justificar o por que dessa divergência acontecer é que Demétrio trazia lanches que não eram tão saudáveis e nem “organizados”, por isso ele se sentia envergonhado - ou seja, a responsabilidade dessa situação é da família que envia o alimento, logo, causa o isolamento da criança. O primeiro ponto que trago aqui é o questionamento sobre a ausência de um diálogo com a criança para tentar compreender o que acontecia, visto que tudo que era trazido na nossa conversa era baseado em suposições, com nenhuma citação de falas de Demétrio. Nunca houve um acolhimento questionador desse isolamento? O segundo ponto é, uma vez que foi observado e julgado pela professora que a alimentação não estava caminhando de forma saudável ao ponto de enxergar um afastamento se consolidando, não seria o caso de uma conversa com a família? Para finalizar essa história e pensar um pouco além, relacionando metaforicamente a alimentação de Demétrio com a sua expressão de gênero, questiono sobre o que significa saúde. Ter um comportamento saudável é agir da mesma forma que a “maioria”? Se alimentar dos mesmos alimentos, dos mesmos comportamentos, escolhas de roupa, cabelo, brinquedos e afinidades? Qual era a divergência que Demétrio trazia na escola que causava seu isolamento e era alimentada pela família, se tratava somente de comida? Alguns versos do poema da aracajuana Danielle Santana, mãe de uma criança trans, publicado no site da ONG Mães pela Diversidade⁹ conversam estreitamente com esses últimos parágrafos:

Hoje lanchamos em paz, mamãe-e-filhinho! Amanhã retornaremos à vida e
aos olhares gelados de quem aponta e diz: É falta de mãe!
Pois eu respondo: falta de mãe é que não é! É presença de mãe! É presença
de amor de mãe que acolhe o filho, seja ele quem for! É coração de mãe,
grande, gigante, onde sempre cabe um pouco mais de amor!
(SANTANA, 2022)

Nos demais depoimentos do site da ONG é possível notar a história que se repete de culpabilização da família, principalmente das mães - “as responsáveis pela educação das crianças”, pelas dissidências de suas (es/eus) filhas (es/os). Em 2020, o ministro da educação Milton Ribeiro fez uma fala em entrevista para o jornal O Estado de São Paulo¹⁰ na qual diz: “Acho que o adolescente que muitas vezes opta por andar no caminho do homossexualismo tem um contexto familiar muito próximo, basta fazer

⁹ Para conhecer e aprofundar sobre a ONG Mães pela Diversidade, acessar: <<https://maespeladiversidade.org.br/historias/>> acesso em: 18/11/2022

¹⁰<<https://congressoemfoco.uol.com.br/temas/direitos-humanos/ministro-da-educacao-atribui-homossexualidade-a-familias-desajustadas/>> acesso em: 18/11/2022

uma pesquisa. São famílias desajustadas, algumas. Falta atenção do pai, falta atenção da mãe. Vejo menino de 12, 13 anos optando por ser gay, nunca esteve com uma mulher de fato, com um homem de fato e caminhar por aí” (FOCO, 2020). Esse é o tipo de fala que ataca famílias de configurações não normativas e que estava, de forma velada e metafórica, sendo reproduzida em alguma medida nas conclusões da professora sobre a vivência de Demétrio na escola.

Apesar de existirem algumas resoluções do MEC que configuram algum nível de política de acesso de crianças dissidentes de gênero na escola, o Estado não se encarrega de “humanizar” o seu sistema para além da escrita. Em 19 de janeiro de 2018 o Conselho Nacional de Educação (CNE) publica a resolução nº1 que define o uso do nome social de travestis e transexuais nos registros escolares (BRASIL, 2018). No entanto, quando falamos da educação básica, ou seja, educação infantil, ensino fundamental e ensino médio (estudantes com menos de dezoito anos de idade) precisam de um requerimento da família para que tenham seus nomes atualizados no cadastro da escola. Portanto, caso a criança não tenha acolhimento em casa e autorização da família para a atualização do cadastro, a escola também não será um espaço de acolhimento. Em alguns casos, ainda que haja a autorização, as pessoas que trabalham na instituição não têm formação para fazer um acolhimento de qualidade para essas crianças, continuando apegados ao nome morto da criança - nome de registro.

Outra resolução importante foi a Resolução Nº 12, de 16 de janeiro de 2015, no Art. 6º que escreve que “Deve ser garantido o uso de banheiros, vestiários e demais espaços segregados por gênero, quando houver, de acordo com a identidade de gênero de cada sujeito” (BRASIL 2015). Infelizmente, nenhuma dessas resoluções serão eficazes se as pessoas que trabalham e estudam nessas instituições não têm formação para combater a transfobia dentro do espaço escolar. A criança pode usar o banheiro de acordo com a sua identidade de gênero segundo a resolução - vale evidenciar que não se trata de uma lei, e sim uma resolução, mas isso não garante que dentro do banheiro ela não sofra bullying por pessoas que passam pelo poder de não ser aquilo que ela é, e a partir disso se sentirem no direito de ter atitudes transfóbicas e extremamente violentas como no caso da travesti, citada no documentário “Documentário LGBT - Homofobia e transfobia na escola” que foi violentada por oito pessoas na escola e ela quem foi expulsa do colégio. A resolução traz, ainda, a autorização do uso de uniformes de acordo com a identidade de gênero.

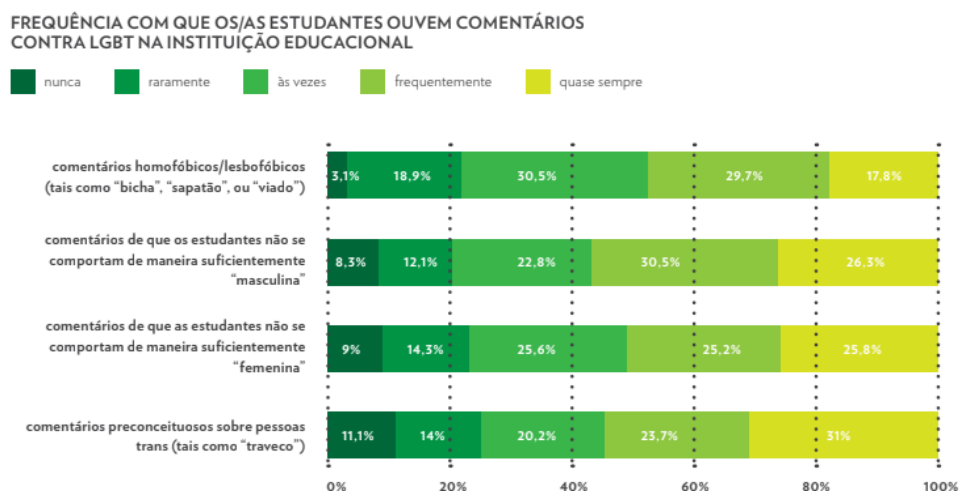
As formas de controle instauradas nos colégios fazem diariamente a manutenção da essência transfóbica e sexista que baseia o bullying transfóbico, Bortolini (2012) cita algumas delas

[...] a divisão por sexo nas aulas de Educação Física – e os esportes atribuídos a meninos ou meninas; as filas de meninos e de meninas na Educação Infantil; as distinções sexistas de vestuário – meninos não podem usar brincos nem cabelo comprido; a forma dos professores tratarem alunos homens ou mulheres, com rispidez ou com delicadeza; a tolerância da violência, verbal e até mesmo física, entre meninos; a preocupação constante com a manifestação da sensualidade das adolescentes (BORTOLINI *et al.*, 2014, p. 13-14).

A transfobia é autorizada pela ideia de criminalização de um processo desencadeado por infrações às leis sociais. “O infrator” - pessoa dissidente de gênero - é colocado em espaço de vigília, análise e confissão diante do poder da moral cristã que existe nas escolas. Essa vigília, quando detecta infrações se sente autorizada a executar “a punição” como no caso da estudante trans de Campo Grande que foi expulsa do colégio por transfobia, ou de uma outra estudante trans que foi impedida de usar o banheiro feminino em Pernambuco, ou de um menino trans da Bahia que teve a casa apedrejada quatro vezes depois de a mãe assumir compromisso na luta pelo uso do nome social do filho, ou o caso da estudante de Maringá que foi linchada dentro do colégio que estudava depois ser chamada no pronome masculino e ter a sua opção de uso do banheiro determinada por uma votação que a professora fez entre colegas da turma, e inúmeros outros casos. Diante dessas notícias, fica evidente que a escrita de resoluções acerca do tema, apesar de serem um pequeno passo, não estão nem perto de ser o mínimo, pois, enquanto crianças trans e dissidentes de gênero não tiverem condição de permanência nas escolas de nada adianta o acesso. Na maior parte dos casos citados acima a família da criança/adolescente opta por deixar a criança em casa por segurança, sendo privada (e/o) de seu direito ao ensino, não por parte da família, mas em nome da sua segurança e integridade física.

Durante o desenvolvimento do trabalho encontrei a pesquisa *Vivências reais de crianças e adolescentes transgêneres dentro do sistema educacional brasileiro* (NUNES, 2021), realizada pela Coordenação Nacional da Área de Proteção e Acolhimento a Crianças, Adolescentes e Famílias LGBTI+ que trouxe dados que permitem maior visualização dos mecanismos que alimentam a expulsão escolar de crianças dissidentes de gênero, como expressa a figura 3:

Figura 3: *Vivências reais de crianças e adolescentes transgêneros dentro do sistema educacional brasileiro (2021)* realizada pela Coordenação Nacional da Área de Proteção e Acolhimento a Crianças, Adolescentes e Famílias LGBTI+



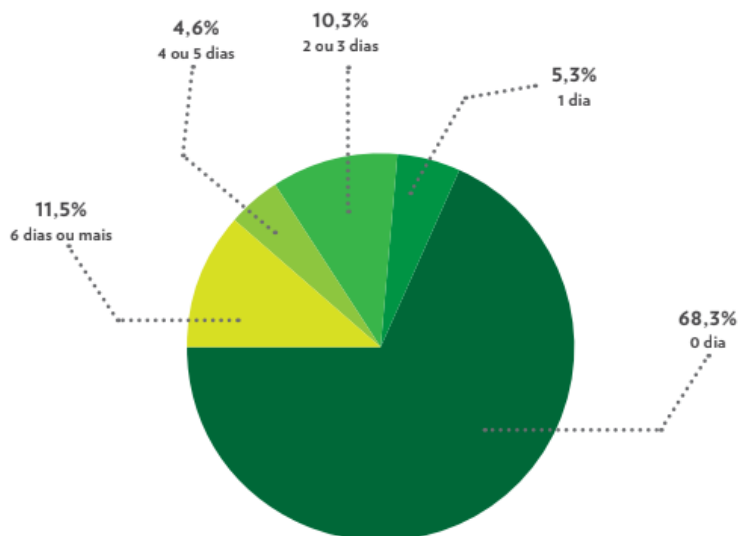
Fonte: (Associação Brasileira de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transexuais, 2016)

Os achados desta pesquisa demonstram que comentários negativos sobre as expressões de gênero das pessoas estavam generalizados nas instituições educacionais. Conforme ilustrado na Figura 3, mais da metade dos/das estudantes LGBT relataram ter ouvido muitas vezes ou frequentemente um desses dois tipos de comentário sobre a identidade/expressão de gênero de alguém na instituição educacional (56,8% sobre não ser "masculino" e 51,0% sobre não ser "feminino" o suficiente). Os comentários sobre os estudantes que não agiam de maneira suficientemente "masculina" foram mais comuns que os comentários sobre as estudantes que não agiam de forma suficientemente "feminina" (ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE LÉSBICAS, GAYS, BISSEXUAIS, TRAVESTIS E TRANSEXUAIS, 2016).

As consequências da violência representada na Figura 3 aparecem no gráfico abaixo (Figura 4) no qual é apontado o número de dias que estudantes LGBT não foram à instituição educacional no último mês porque se sentiram inseguras (es/os) ou constrangidas (es/os):

Figura 4: *Vivências reais de crianças e adolescentes transgêneros dentro do sistema educacional brasileiro (2021)* realizada pela Coordenação Nacional da Área de Proteção e Acolhimento a Crianças, Adolescentes e Famílias LGBTI+

NÚMERO DE DIAS QUE ESTUDANTES LGBT NÃO FORAM À INSTITUIÇÃO EDUCACIONAL NO ÚLTIMO MÊS, PORQUE SE SENTIAM INSEGUROS/AS OU CONSTRANGIDOS/AS



Fonte: (Associação Brasileira de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transexuais, 2016)

Sentir-se insegura (e/o) ou constrangida (e/o) na instituição educacional pode afetar o desempenho acadêmico das/os estudantes, sobretudo se resultar em faltas às aulas. Quando perguntados sobre as faltas, quase um terço (31,7%) das (es/os) estudantes LGBT afirmaram ter faltado na instituição educacional pelo menos um dia no último mês (Figura 4).

Apesar de a transfobia ser crime no Brasil desde 2019, o país foi pela 13ª vez o país que mais matou pessoas trans e travestis no mundo. Os dados da pesquisa foram coletados em 2021 pelo Transgender Europe (TGEU). Seguindo a lógica da pesquisa realizada no Brasil com crianças e adolescentes que aponta no gráfico que os comentários violentos mais realizados nas instituições educacionais são voltados para “meninos que não são masculinos o suficiente”, a pesquisa internacional sinaliza que a condição de vulnerabilidade e insegurança de mulheres trans e travestis se estendem ao longo da vida, visto que, 96% das pessoas trans assassinadas em todo o mundo eram mulheres trans ou pessoas trans femininas.

Ou seja, por trás do ranking, existe um país que negligencia a transfobia nas escolas e desde os primeiros anos da infância trabalha e funciona de forma a construir uma sociedade que alcance essas estatísticas.

A partir do artigo “*Kit Gay e Ideologia de Gênero: Como a Desinformação Propagada por Bolsonaro Fere as Políticas Públicas Educacionais Voltadas para as Questões de Gênero e Diversidade Sexual*” (FORTES; STEINBERG; BRENNECKE, 2022), retomo brevemente a história mais recente das políticas públicas voltadas para as questões de gênero e diversidade sexual. Foi em 2002 que o então presidente Fernando Henrique Cardoso através de ações do Programa Nacional de Direitos Humanos buscava, entre outras coisas, garantir a igualdade para a população LGBTQIA+. Daí em diante, as ações voltadas para a comunidade passaram a ficar “menos tímidas”. Em 2004, no governo Lula, surge o programa Brasil sem Homofobia, que visava o combate a violência e discriminação de pessoas LGBTQIA+, assim como o Escola sem Homofobia, cria do programa. Mas, no governo Dilma, na sequência do governo de Lula, o conservadorismo de políticos de outras instâncias governamentais conseguiu vetar o desenvolvimento do programa, evento que acontece em 2011, ano a partir do qual o MESP foi ganhando força nos debates de políticas educacionais. O programa Escola sem Homofobia passou a ser conhecido como “kit gay” pelas fake news que foram espalhadas durante o governo Bolsonaro e também na sua campanha. Chamadas absurdas de noticiários que associavam o PT a pedidos ao STF para liberação de sexo nas escolas, por exemplo.

O documento do programa Escola sem Homofobia define em sua introdução o seguinte objetivo:

[...] Com vistas em efetivar este compromisso, a Secretaria Especial de Direitos Humanos lança o Brasil Sem Homofobia - Programa de Combate à Violência e à Discriminação contra GLTB e de Promoção da Cidadania Homossexual, como objetivo de promover a cidadania de gays, lésbicas, travestis, transgêneros e bissexuais, a partir da equiparação de direitos e do combate à violência e à discriminação homofóbicas, respeitando a especificidade de cada um desses grupos populacionais (BRASIL, 2004).

Em 2018, o TSE declarou que o “kit gay” nunca existiu e proibiu Bolsonaro de divulgar fake news, determinando a suspensão de links e sites usados pela campanha do mesmo com a expressão “kit gay”. No vídeo que Bolsonaro postou em suas redes sociais “denunciando o kit gay”, mostra o livro “*Aparelho Sexual & Cia*”, publicado em 2007, pela Companhia das Letras, de autoria da francesa Hélène Bruller e do suíço

Philippe Chappuis. O material em questão nunca foi integrante do material do Projeto Escola sem Homofobia e sequer foi adquirido pelo Ministério da Educação para uso em seus Programas (COLETTA, 2018). Trata-se de um livro que busca trazer o tema da sexualidade para crianças, jovens e também pessoas adultas.

A sexualidade e o erotismo fazem parte do corpo humano, em qualquer idade, é um aspecto do corpo que pulsa, até mesmo dentro da barriga de quem gesta a força pulsional de chupar o dedo faz parte da tomada de uma experiência corporal embrionária. A pulsão e o erotismo é a relação do corpo com a sensação de prazer e desprazer. Pensando o erotismo como a força pulsional (MATTA, 2015), é possível compreender a obsessão do conservadorismo com a sexualidade que foge das expectativas da cisheteronormatividade como a concentração de toda força pulsional da própria sexualidade com a sexualidade alheia, quase que como uma paranoia, um recalque. Paranoia essa que associa diretamente a abordagem sobre sexualidade com um suposto poder de “tornar uma criança gay”, ou “um menino virar menina” e vice-versa, ou seja, todo e qualquer material tem o objetivo de criar o objeto de repulsa. bell hooks, em seu ensaio chamado “*Eros, erotismo e o processo pedagógico*” de seu livro *Ensinando a Transgredir* (hooks, 2017), escreve sobre a fragilidade da limitação da potência erótica ao poder sexual. No contexto da pedagogia crítica que busca transformar a consciência faz parte do processo que as crianças se conheçam melhor para viver plenamente no mundo, em certa medida a presença do erotismo em sala de aula faz parte dessa movimentação. É preciso deixar de entender essa força única e exclusivamente em termos sexuais, mas eles não devem ser negados.

Na verdade, materiais sobre sexualidade servem de apoio para que as crianças - que também tem sexualidade - conheçam seus próprios corpos, saibam como se engravida, como se prevenir da gravidez indesejada na adolescência, prevenção de abusos e mais do que isso, entender seus prazeres, desprazeres, o que é masturbação, o que é poder se tocar, entender o consentimento de deixar-se ser tocada (e/o), entender suas atrações para que possam viver isso com consciência porque a curiosidade já é inerente ao corpo humano, principalmente na infância. É direito das crianças ter acesso a esse conhecimento sistemático e descobrir seus corpos, assim como é dever respeitar o descobrimento do corpo de outra (e/o), suportar que outra (e/o) faça sua pesquisa. Isso é convivência humana dentro de uma perspectiva de defesa dos direitos humanos.

Além do livro “*Aparelho Sexual & Cia*”, Bolsonaro menciona em seu vídeo de denúncia do “kit gay”, a revista “*Nova Escola*” e diz que é distribuída nas bibliotecas

das escolas. Na verdade, a revista não é escrita para crianças e sim educadoras (es/ies), e nenhum exemplar da revista foi comprado pelo Governo Federal. O ex-presidente associa a produção das revistas aos “companheiros”, insinuando a presença do Partido dos Trabalhadores (PT, daqui em diante), no entanto, a revista é da Fundação Victor Civita, ligada ao grupo Abril. Por fim, ele compara a educação brasileira com a educação japonesa trazendo, mais uma vez, informações falsas. O currículo japonês prevê desafios adequados à faixa etária, assim como o brasileiro, para o conteúdo “cálculos”, os objetivos são: “entender o significado de adição e subtração”, “investigar formas de somar e subtrair números de 1 algarismo” e “investigar formas de somar e subtrair números simples de 2 algarismos”, segundo o documento *English translation of the Japanese Mathematics Curricula in the Course of the Study*, (2008). Ou seja, foi a partir das *fake news* que Bolsonaro conseguiu se eleger nas eleições de 2018 e, depois de assumir o cargo, as políticas educacionais voltadas para as questões de gênero e diversidade sexual passaram maus bocados.

Professoras (es/ies) sofreram perseguição, principalmente com o PL 7180/14, o Projeto de Lei Escola sem Partido, que prevê que cada sala de aula tenha um cartaz com os seis deveres das (es/os) professoras (es/ies) e entre eles está o afastamento da possibilidade da oferta de conteúdos de gênero ou orientação sexual, e que a educação seja orientada pelos valores familiares no que diz respeito a temas como educação moral, sexual e religiosa. A deputada Ana Caroline Campagnolo, por exemplo, foi denunciada por incentivar “caça aos professores”¹¹ e ficou impedida de publicar em suas redes sociais por uma liminar concedida pelo Ministro Luiz Edson Fachin, do Supremo Tribunal Federal (STF) depois de postar incentivos à estudantes que filmem e denunciem suas (es/eus) professoras (es/ies) por “manifestações político-partidárias ou ideológicas”, o que fica ainda mais grave sabendo que o Brasil é o primeiro colocado no ranking de agressão à professoras (es/ies)¹², segundo Sindicato dos Professores do Ensino Oficial do Estado de São Paulo (APEOESP).

Ao passo que estudantes que caminham aliadas (es/os) com a ideia das denúncias de professoras (es/ies) que se manifestem ideologicamente - aqui me

¹¹

<<https://oglobo.globo.com/brasil/deputada-denunciada-por-incentivar-caca-professores-volta-ficar-impedida-de-publicar-em-redes-sociais-23440224>> acesso em: 18/11/2022

¹²

<<http://www.apeoesp.org.br/publicacoes/observatorio-da-violencia/dia-dos-professores-brasil-e-o-1-no-ranking-global-de-agressao-a-educadoras-e-educadores/>> acesso em: 18/11/2022

referindo às questões de gênero principalmente - existem estudantes que caminham no sentido contrário, visto que o que é chamado de “manifestação ideológica” é justamente o processo de acolhimento dessas crianças dissidentes de gênero possível dentro de sala de aula. Ou seja, depois dessa “abertura” para o conservadorismo invadir as escolas com maior força, as crianças LGBTQIA+ das escolas, além de não poderem contar com o acolhimento de quem ensina (pelo menos não tão explicitamente), ficam vulneráveis dentro do espaço escolar, a tendência é que o índice de violência contra essa comunidade cresça cada vez mais.

Dentro das instituições escolares, além dos posicionamentos transfóbicos diretos e explícitos de pessoas que ali trabalham (seja qual for sua ocupação) e estudantes, outras formas de violência tensionam o ambiente, a exemplo da própria arquitetura através de símbolos e códigos que delimita e direciona espaços. Impõe corpos específicos à banheiros específicos; instaura separações de corpos específicos em atividades específicas. Quadros, crucifixos, santas ou esculturas ditam qual moral está em domínio (CARDOSO, 2021).

O enfrentamento ultrapassa o que está ao alcance de quem educa. Mas, o que quem planeja e desenvolve as aulas pode fazer? Sabendo de todo o cenário de denúncia e perigo que cerca o posicionamento, devemos agir ainda assim?

Essa pergunta tentadora e simplista pode ser direcionada ao combate a diversas formas de opressão, mas não dá conta da complexidade das relações de poder estabelecidas. Uma das premissas defendidas por Paulo Freire (2011) em “Pedagogia do Oprimido”, passa pela humildade de aproximar-se através do diálogo. O mesmo se passa nesse contexto. Uma vez que a pessoa que educa se dá conta que não detém todo o conhecimento sobre o tema e que não tem a necessidade de “passar conteúdo” através do que Freire chama de educação bancária, ela se liberta para a espontaneidade do contato com as crianças, viabilizando a abertura de espaço para o surgimento do tema entre as crianças. A partir disso torna-se possível criar ferramentas mais compatíveis com aquele contexto escolar; ter escuta atenta com cada corpo, em todas suas formas de expressão, é essencial nesse processo.

No entanto, com certeza há alguns pontos a serem questionados em todos os possíveis contextos:

Existem pessoas trans trabalhando na escola? Ainda debruçado na ideia da autopercepção que Izzie Madalena traz para o debate em sua dissertação, expando essa reflexão para a autopercepção enquanto comunidade, ou seja, a percepção de si e de si

dentro de uma comunidade, identitária nesse caso. A autoidentificação dentro de uma comunidade aguça a sensibilidade para criação de estratégias a nível mais público, o que dentro da gestão da escola e desenvolvimento de planejamentos e aulas é imprescindível para acesso e permanência democráticos. Além de ter pessoas trans e travestis em cargos mais altos, o que permite que dentro da “hierarquia” da escola as reflexões e proposições construídas a partir da autopercepção dessas vivências sejam executadas ou escutadas com mais firmeza. Essa presença em todos os níveis dentro da escola compõe o processo de autopercepção das próprias crianças.

Outra questão que pode trazer contribuições ao debate é: é oferecida formação continuada para professoras (es/ies) sobre gênero e infância? A atualização do conhecimento e dos debates para professoras (es/ies) da rede é importante para que a pessoa docente possa associar os seus conhecimentos prévios com o novo tema proposto, o que é essencial já que grande parte dos currículos de graduação não tem disciplinas voltadas para gênero e sexualidade na grade obrigatória (UNBEHAUM, CAVASIN, GAVA, 2010).

A arquitetura da escola é inclusiva? O moralismo cristão se reafirma como ideologia predominante na escola através dos componentes relacionados ao cristianismo presentes dentro de grande parte das instituições de ensino. Estátuas, crucifixos e em alguns casos, inclusive a presença de orações e rituais, que remetem a vigilância de corpos que transgridem a qualquer norma estabelecida pelas ideias bíblicas, características que se relacionam fortemente com as ideias do MESP. Outro ponto dentro da arquitetura é o estabelecimento dos banheiros femininos e masculinos, e a relação que é à base do uso desses espaços entre gênero e sexo biológico, o genitalismo.

E por último, uma pergunta que trago e anuncio como uma pista e aposta mais adiante: há recursos pedagógicos em número suficiente que asseguram a representatividade? Grande parte da literatura, as bonecas e bonecos, desenhos animados, filmes, músicas não trazem protagonismo - ou quiçá citam - pessoas trans e travestis. Os poucos materiais mais inclusivos não chegam até as escolas, ainda que exista a insistência do conservadorismo em denunciar uma suposta “ideologia de gênero” presente nas escolas através do “kit gay” já mencionado anteriormente, por exemplo.

No próximo verso, trago com olhar mais atento e cuidadoso o livro "*Julián é uma sereia*", recurso expressivo que escolhi do *meu kit gay* para compartilhar nessa

pesquisa, dentre outros que encontrei na busca por materiais infantis com personagens dissidentes de gênero.

QUARTO VERSO: “[...] VOU TE CONTAR A LENDA DA BICHA ESQUISITA [...]” - SOBRE O PAPEL DOS LIVROS E HISTÓRIAS

Figura 5: Livro “*Julián é uma sereia*”, escrito por Jessica Love



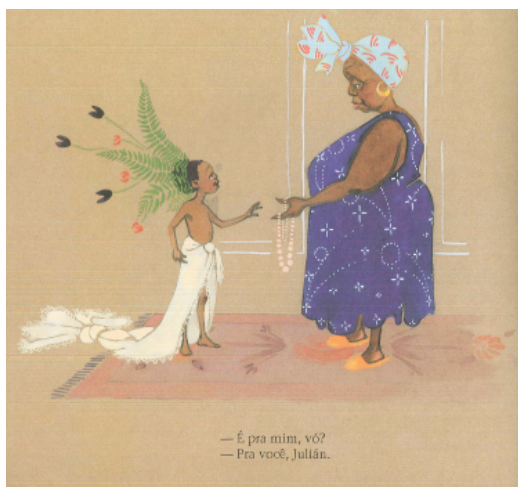
Fonte: (LOVE, 2021)

Vencedor da categoria Opera Prima, na Feira do Livro Infantil e Juvenil de Bolonha em 2019, o livro "*Julián é uma sereia*" é o primeiro livro escrito e ilustrado por Jessica Love e traduzido por Bruna Beber. Apesar de o livro colecionar mais de duas dezenas de prêmios, não há tanta visibilidade para esse material traduzido no Brasil.

Julián tem uma relação de parceria bem forte com a avó - a quem carinhosamente apelida de Vozita -, além de acompanhá-la em suas aulas de hidroginástica, a criança se sente confortável para compartilhar seus íntimos desejos e percepções de si. A avó, por sua vez, não decepciona no acolhimento. Foi na volta de uma das aulas com a avó que Julián avistou no metrô três sereias com cabelos magníficos, um deles liso e muito comprido de cor azul, que combinava com o vestido tom verde-água que as três vestiam, a segunda sereia tinha os cabelos presos como rabo

de cavalo cor-de-rosa que evidenciavam os brincos dourados que pendurava nas orelhas, por fim, cabelos crespos ruivos enfeitados com penduricalhos brancos coroavam a última sereia. A criança, grande fã de sereias, ficou boquiaberta e tão rapidamente foi para o fundo do mar, onde a regata branca e a bermudinha vermelha que usava foram pouco a pouco tomando outro caminho enquanto os cabelos crespos e curtos de Julián cresciam, cresciam e cresciam. Como em um passe de mágica, uma correnteza de seres marinhos saudaram a presença de Julián e o presentearam com uma bela cauda de sereia roxa e laranja. Um grande peixe azul entregou a Julián o que parece um colar muito precioso, o que lembra um ritual, uma benção. Voltando à outra dimensão, a criança continua sua jornada com a avó, passeando de mãos dadas atravessaram a vizinhança e a criança se deliciava em um banho no hidrante. Foi na porta de casa que Julián contou para a avó a conclusão que tinha chegado: também era uma sereia! Vozita foi para o banho sem mais nada dizer, mas Julián não se apegou, na verdade, teve uma brilhante ideia! Tirou sua blusa branca e bermuda vermelha, cortou as samambaias de sua avó e algumas flores coloridas e com uma faixa fez lindos cabelos verdes e compridos. Caprichou no batom em frente ao espelho e avistou a peça essencial que faltava para completar sua produção: a cortina da janela. Num instantinho, Julián pegou o tecido e fez sua própria cauda, era uma criança extremamente talentosa. Mas, ops... a avó saiu do banho ainda de toalha e viu a festa toda. O que será que vem aí? Julián olha para si bastante reflexivo e preocupado até que Vozita troca de roupa e volta para a sala. Engraçado, o tecido da roupa de Vozita lembra bastante o grande peixe azul do colar precioso... Eis que surge o tal colar! Uma bela peça de pérolas cor-de-rosa que dá duas voltas no pescoço fino de Julián. Foi então que os dois saíram para mais uma aventura, mas desta vez a criança não sabe aonde vão, Vozita fez suspense. Uma grande festa repleta de pessoas lindas, diversas, autênticas e cheias de estilo, cheias de si. “Iguaizinhas a você”, diz Vozita, “Vamos com elas”. E foram.

Um dos pontos centrais nessa história é a relação familiar presente entre avó e neta (e/o), ideia que fica evidente quando comparamos o grande peixe azul (figura 6) com o vestido de Vozita (figura 7). Na imaginação de Julián, o grande peixe concede a “benção” da sua chegada ao fundo do mar com sua nova cauda, como sereia. Os mesmos movimentos são repetidos por Julián e Vozita algumas páginas adiante, a benção simbolizada pelo colar de pérolas cor-de-rosa, mais do que legitimar a expressão de gênero que Julián “desobedece” a algumas normas, acolhe com carinho, cuidado e incentivo para construção da autoestima da criança.

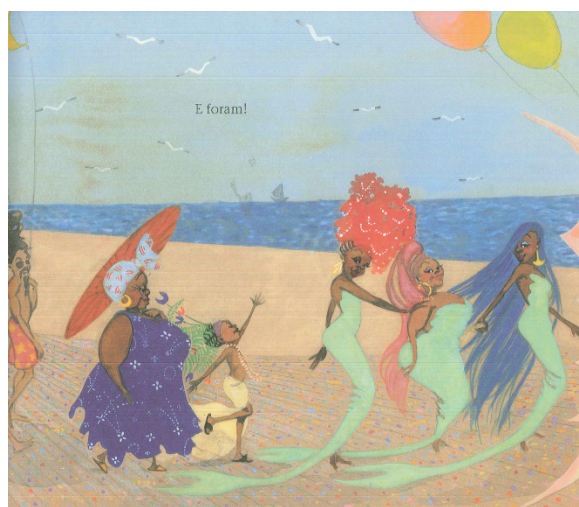
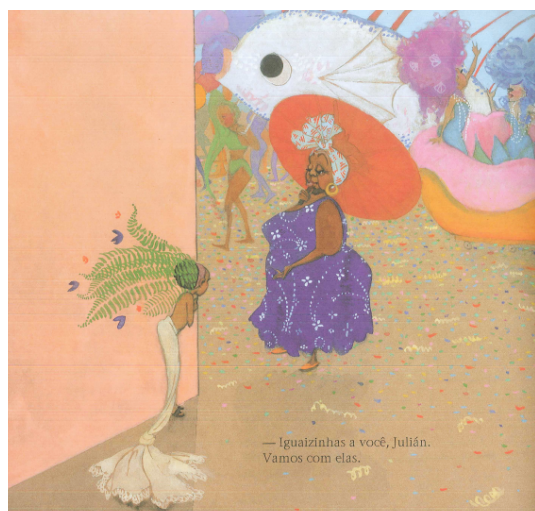
Figuras 6 e 7: Livro “*Julián é uma sereia*”, escrito por Jessica Love

Fonte: (LOVE, 2021)

Mais adiante, Vozita leva Julián para uma grande festa e diz “Iguaizinhas a você, vamos com elas”. O acolhimento transpassa o ambiente privado de dentro de casa, Vozita leva Julián para conhecer pessoas como ele, Vozita leva Julián de mãos dadas, protege e abraça. O fortalecimento e incentivo de Vozita para que Julián saia de casa à maneira que se sente confortável e quer se expressar muda o rumo da segurança da construção da identidade de gênero da criança, muitas vezes, embora o ambiente familiar seja acolhedor, pode ser que o acolhimento fique restrito a ele mesmo. Ou seja,

dentro de casa tudo bem, mas fora... A defesa desse argumento por parte da família, e às vezes escola, se baseia no alto índice de violência contra pessoas trans, no entanto, será que a melhor alternativa para lidar com uma sociedade transfóbica é esconder essas crianças dentro de casa?

Figuras 7 e 8: Livro “*Julián é uma sereia*”, escrito por Jessica Love



Fonte: (LOVE, 2021)

Essa história nos mostra a possibilidade de um caminho assertivo na produção do acolhimento de crianças dissidentes de gênero, para além do mínimo. O acolhimento de pessoas cis aliadas, mais velhas e que procurem garantir a certeza de quem se é, com direito de proteção e segurança, vivendo com tranquilidade sem ameaças de que não pertence a determinado lugar e a sensação de inadequação, com a paz de quem não precisa ser corrigido fisicamente ou através de outros mecanismos que

patologizam a diferença, são importantes pistas para produção de uma nova condição de pertencimento. Quanto a isso, Nunes (2017) traz a reflexão de que

Para contrariar a apropriação de estereótipos (comportamentos, atitudes, atividades etc.) e o seu reforço é fundamental uma ação conjunta entre os/as vários agentes que funcionam como fortes influências junto das crianças leitoras, representando, na maioria das vezes, apenas as expressões de gênero binárias e convencionais para uns e outras (NUNES, 2017, p. 21).

Ou seja, é a soma de diversos agentes que influenciam agregando histórias possíveis para as crianças que podem “libertar” tanto as crianças que rompem e desobedecem as normas de gênero se vendo representadas (es/os), quanto as que não o fazem, assim, dando passos em direção a uma sociedade mais inclusiva.

Ainda dentro do aspecto da relação familiar e do reforço positivo, Rachlin e Vogt (citados por Hamilton et al, 2006) já nos alertava em 1974 que uma conclusão preocupante é a de que os estereótipos de gênero nos livros infantis poderão influenciar não apenas as crianças como também a família, considerando que são estes que muitas vezes lêem as histórias. Nesse caso, Jessica Love cria um cenário feliz para crianças dissidentes de gênero e nos provoca... pessoas adultas, a construir relações com essas crianças em uma caminhada leve, com brincadeira, amor e sorrisos. Uma caminhada nova que está sendo criada e, portanto, precisa ser imaginada e sonhada.

Aproveitando o gancho da leveza da obra, trago outra reflexão que responde a um argumento base do conservadorismo acerca do tema das relações de gênero e identidade de gênero no ambiente infantil. Afinal, transgeneridade não é um tema muito complexo para crianças? Um tema para um debate adulto?

Sobre essa questão apresento três pontos para se pensar. O primeiro deles trata-se da insistência do adultocentrismo em considerar crianças seres incompletos e despreparados para determinados diálogos. Debus (1996) descreve bem esse raciocínio, em especial dentro da literatura:

Acreditamos, porém, que o processo da escritura literária para esse público não obedece à construção de um mundo diferenciado e diverso; simplesmente devem ser respeitadas as habilidades lingüísticas, seu desenvolvimento cognitivo e afetivo que, este sim, atém-se a algumas singularidades. Parece claro que ao pré-leitor ou leitor que não atingiu todo conhecimento das estruturas lingüísticas é necessária uma circunscrição de limites, no que diz respeito ao vocabulário, à estrutura sintática, à elaboração e seleção do material literário. Mas o que ficou registrado por um longo período, e de que nos dias de hoje ainda pressentimos resquícios, foi a inversão de singularidade por deformidade, subestimando a capacidade de compreensão

da criança, impondo-lhe textos pueris, carregados de diminutivos e sem nenhum significado (DEBUS, 1996, p. 58).

Uma das diferenças da escrita literária para crianças e para pessoas adultas é a singularidade de acesso a vocabulários, habilidades linguísticas e seu desenvolvimento cognitivo, não se trata de incapacidade de compreensão da criança. Partindo dessa falsa premissa, a literatura infantil foi sendo, em partes, alimentada de textos vazios que não atribuem o processo de escrita e leitura a algo significativo, uma história significativa, alguma espécie de identificação com o que está sendo comunicado.

Além do que, trazendo um segundo ponto, as crianças também são produtoras de cultura e de produções literárias, ou seja, elas também trazem esse debate para a sala de aula a partir de suas próprias vivências e imaginação em suas produções. Então, será que um tema trazido por uma criança não é tema de criança?

Na leitura e na escrita das narrativas literárias encontramos o sentido de nós mesmos e da comunidade a que pertencemos. A literatura nos diz o que somos e nos incentiva a desejar expressar o mundo por nós mesmos. E isso se dá porque a literatura é uma experiência a ser realizada. E, mais que um conhecimento a ser elaborado, ela é a incorporação do outro em mim, sem a renúncia da minha própria identidade. No exercício de contato com a literatura, podemos ser outros, podemos viver como outros, podemos romper os limites do tempo e do espaço de nossa experiência e, ainda assim, sermos nós mesmos (OLIVEIRA, 2014, p. 20).

Há espaço para estratégias pedagógicas que estimulem a criação literária de autoria das crianças, dessa forma, será possível a construção de uma relação mais estreita com a escrita e sua autopercepção enquanto escritor (a/e) que constrói suas próprias narrativas.

O terceiro ponto é o exercício de revisitar obras de literatura infantil que fizeram parte da nossa infância ou livros que conhecemos atualmente e buscar a cisheteronormatividade, determinação de papéis atribuídos a homens e mulheres, sendo esses respectivamente corpos com pênis e, mulheres, com vulva. Ela está por toda parte. Se a partir dessas representações e de seu contato com o mundo as crianças “entendem” a cisgeneridade, por que não conseguiriam “entender” a transgeneridade? O debate de relação e identidade de gênero é inerente às escolas porque é inerente à sociedade, ele já existe e fora da literatura desafia e provoca muitas normas através das diversas linguagens que podem ser expressas pelas crianças dentro da instituição. Mas dentro da literatura - esta posta nas escolas atualmente - o que prevalece é um debate profundo

sobre cisgeneridade e papéis de gênero, com uma série de mecanismos que fazem a manutenção de um sistema misógeno e patriarcal. Ele não é reconhecido como um debate sobre cisgeneridade porque é o nulo. É o normal. É a regra. A lei. Ou seja, pensar gênero, para o conservadorismo, é pensar em tudo que não seja a cisheteronormatividade, o diferente, é perigoso e muito complexo para as crianças.

O debate cisheteronormativo e de papéis sociais nas escolas, os quais mencionei anteriormente, se mostram

[...] mais ou menos escondidas ou surge de forma muito clara nos livros em elementos tais como: a trama da narrativa, os diálogos, a linguagem utilizada, as imagens e ilustrações, os comportamentos das personagens, os espaços onde são retratadas e onde se movem (FRAGA, et al., 2015 *apud* MARTINEZ; TORRES, 2014 *apud* NUNES, p.27).

Trazer o debate de gênero para evidência entre as crianças, por meio de construções críticas e olhar com horizonte amplo para as possibilidades de ser, pode ser leve, e caso não seja, talvez seja um bom momento para dizer que existem sim, momentos de tensão dentro de sala de aula, ou em qualquer espaço de mediação de crianças. O que cabe aqui é pensar e repensar a formação de um olhar sensível para a literatura e para as questões de gênero que está sendo provocada pelos currículos das universidades. É preciso estar atenta (e/o) ao vocabulário, habilidades linguísticas e desenvolvimento cognitivo da criança antes de trazer um material, mas nunca reduzir o acesso por questões temáticas que possam parecer “complexas demais”.

Quero abrir um parêntese e aproveitar a reflexão sobre formas de trazer o debate sobre transgeneridade para a infância e compartilhar um devaneio que passou pela minha cabeça e mais tarde durante a construção dessa pesquisa, encontrei mais referências que trazem fundamento para essa ideia. Lendo o livro “*Julián é uma sereia*” e ouvindo a música “*Serei A*” na qual brinca com a palavra “sereia” e o processo de “*tornar-se A*”, do álbum “*Pajubá*” da Linn, percebi a repetição da presença das sereias em meio às dissidências de gênero e associei com o fato desses seres apresentarem uma imagem “afeminada” da cintura para cima e da cintura para baixo uma cauda que não traz sexo biológico. Me lembrei também de um documentário chamado “*My secret Self*”, no qual Sarah - mãe de Dannan, uma criança trans - conta da queda que a filha tem por sereias, vale ressaltar que esse documentário tem muitas cenas violentas de insistência de conversas diretas com a criança onde ela está visivelmente constrangida e desconfortável para falar. Dra. Christine Milrod (2011), médica que trabalha atendendo

peças trans há mais de quinze anos, conta que ainda que não haja estatísticas formais, observa em seus atendimentos a identificação das crianças trans com Ariel, do filme “*A Pequena Sereia*”.

Sobre a história de Julián especificamente, podemos destacar a relevância da literatura para o processo de acolhimento das crianças dissidentes de gênero na escola por que “O leitor ou leitora identifica-se com as personagens, aprofunda as suas emoções, transporta-se para outros mundos, numa experiência estética que ativa novas formas de percepção e suscita até fenômenos de transferência e projeção” (MANZANO, 1987, *apud* BASTOS, 1999, p. 27). A literatura nos propõe palavras para descrever e adentrar mais a fundo nossos pensamentos, sonhos, imaginação e nossa própria história.

A essa altura da minha busca por materiais, quando encontrei o livro “*Julián é uma sereia*”, já não tinha contato com Demétrio. Aqui abro um pouco mais da minha intimidade para conseguir explicar melhor como se deu nosso distanciamento. Em abril deste ano (2022), comecei meu tratamento hormonal com testosterona com respaldo do ambulatório trans de Florianópolis, no entanto, nessa época passei por instabilidades de saúde mental e precisei de suporte familiar. Nesse cenário, a opção que me restou foi trancar a faculdade e ir para o interior de São Paulo, na cidade onde nasci. Hoje, realizando essa pesquisa consigo entender como esse processo se assemelha com a *evasão/expulsão* de pessoas trans das instituições de ensino. Fui pouco a pouco enfrentando adversidades que me apareciam na graduação até então no ensino remoto, descaso com pronomes, nome social e mais tarde, as diversas ameaças às pessoas trans e travestis que surgiram no Centro de Ciências da Educação da UFSC, com pichações nas portas dos banheiros que simbolizam um ambiente nada acolhedor para pessoas como eu. Essa “escolha” de ir para São Paulo desencadeou várias mudanças, uma delas foi a ruptura das aulas com Demétrio. Antes de comunicar minha ausência, preparei uma alternativa de substituição das aulas com um amigo da licenciatura, também transgênero, e apresentei a possibilidade para a mãe de Demétrio, que aceitou de primeira. Conversei com Demétrio e expliquei a situação, no nosso último encontro levei Guto - o amigo mencionado anteriormente - comigo para que se conhecessem, e apesar da timidez de Demétrio a conversa fluiu gostosa.

Apesar da imensa confiança que tenho no Guto e em seus ideais pedagógicos que conheci na nossa relação de amizade e também em encontros específicos destinados a falar sobre a tal “passagem de mastro”, da responsabilidade de acompanhar de perto o processo escolar e de transição de Demétrio, vivi um tempo carregando a culpa de não

ter “cumprido meu dever”. Me questiono o que significa cumprir meu dever como professor e como “trans mais velho”. O que cruzou minha mente durante essas reflexões foi a imagem do grande peixe azul e da Vozita entregando o colar de pérolas para Julián. Eu busquei fazer parte do acolhimento dessa criança, garantindo segurança, proteção, incentivos e estímulos à construção da autoestima, o que eu fiz. É importante escrever essa passagem para que, talvez vendo registrado, eu consiga dimensionar que participei significativamente da vida de Demétrio, assim como ele da minha, de maneira a transcender juntas.

Além disso, esse pensamento engata outra ideia que é preciso ter em mente quando construímos propostas de planejamentos e intervenções: possíveis rupturas. Fazer movimentos transgressores dentro das escolas ou fora delas, mas ainda em interação com crianças, pode ser solitário, por isso, construir uma rede de apoio com a equipe pedagógica que tenha perspectivas de educação alinhadas com a nossa, fortalece a disputa contra o conservadorismo e pode poupar as crianças de uma ruptura brusca de ausência de um espaço acolhedor, considerando que as condições de professor/a/e têm cada vez mais se voltado para caráter temporário (ACT).

Desde que conheci Demétrio percebi uma resistência à literatura, aos poucos, fui percebendo que essa resistência passava pelo medo de errar na leitura dos livros mesmo que eu acompanhasse esse momento. Mais do que apresentar os livros, o processo de alfabetização envolve a construção da autoconfiança junto da criança. Por mais que eu enxergasse a resistência de início, eu enxergava também uma criança com muita sede de aprender, uma criança orgulhosa de todos seus acertos e preocupada e envolvida com os desafios. No próximo e último verso, trago alguns pontos do encontro entre os desejos de uma vida “promissora” e uma criança desobediente das normas de uma família tradicional, da expectativa normativa que o Estado impôs e do controle de professoras (es/ies) autoritárias (es/os).

QUINTO VERSO: “[...] SEMPRE DESEJOU TER UMA VIDA TÃO PROMISSORA, DESOBEDECEU SEU PAI, SUA MÃE, O ESTADO, A PROFESSORA [...]” - SOBRE OS DESDOBRAMENTOS DA PESQUISA

Figura 10: Livro “*Julián é uma sereia*”, escrito por Jessica Love



Fonte: (LOVE, 2021)

Na continuidade dessa pesquisa, não anuncio prescrições, sequer acredito nelas no contexto educacional e seria incoerente com as defesas que busquei construir aqui. Acredito que lançar questões e pistas direciona boas reflexões para que seja possível incorporar a cartografia no dia a dia da docência, nos entendendo enquanto criadoras (es/ies) da realidade, compositoras (es/ies) de processos e olhando para “as coisas” a partir do nosso encontro com elas e não à sua essência em forma pura. A docência pede a contaminação da nossa vivência - e das crianças - em relação ao conteúdo escolar, a contaminação da nossa intimidade na relação com a criança, a contaminação da interseccionalidade no encontro com a vida e com o ambiente escolar.

As crianças dissidentes de gênero também têm seus desejos, visões de futuro, ambições e potencialidades como toda criança e devem ter o direito de descobrir e conhecer os lugares que conseguem chegar a partir disso. Para que isso seja uma realidade, a família, o Estado e professoras (es/ies) devem firmar compromisso com a

luta anti LGBTIQIA+fobia, levando em consideração que essas três instâncias estão constantemente - ao menos deveriam estar - conversando entre si. É interessante imaginar o quão fortes podem ser os frutos dessa relação família-estado-docência como complementares, uma vez que cada um pode trazer contribuições e percepções únicas para o debate e construir políticas, ferramentas e diálogos a partir de diversas visões, buscando sempre o objetivo comum: o acolhimento dessas crianças.

bell hooks (2017), traz no ensaio “*Pedagogia engajada*” o conceito da autoatualização. O que significa que quem ensina tem um compromisso ativo com promover o seu bem-estar. No sentido do que hooks traz através do pensamento de Thich Nhat Hanh “a prática do curador, do terapeuta, do professor ou de qualquer profissional de assistência deve ser dirigida primeiro para ele mesmo. Se a pessoa que ajuda estiver infeliz, não poderá ajudar a muita gente” (HANH, 1979 *apud* hooks, 2017, p. 28). Aproximo o conceito do tema central desta pesquisa para trazer outras questões: é possível falar (aqui considere as mais diversas linguagens possíveis) sobre gênero com as crianças sem olhar para si? Fazer uma revolução dos próprios valores e descobrir novas possibilidades dentro de si mesma (e/o) é desafiador, mas só assim é possível acolher o tema e as crianças dissidentes de gênero verdadeiramente. Onde entra a autoatualização? Rever nossos valores não é um movimento que acontece do dia para a noite e sem estímulos, por isso é necessário o contato com as novas perspectivas, não apenas em um evento pontual, mas como uma constância. A aposta principal que aqui defendo é **a de que a literatura infantil pode aproximar crianças e pessoas adultas de histórias possíveis de crianças possíveis e famílias possíveis com relações possíveis, um mundo imaginado que é mais gentil com crianças dissidentes.**

Há, ainda, outros caminhos para a autoatualização. A pesquisa, HQ, música, moda, audiovisual, literatura, política, artes visuais, artes plásticas, a cultura em si. Para se autoatualizar em relação ao gênero basta garantir a pluralidade por perto e consentir a sua entrada. Quantas pessoas trans você conhece? Com quantas pessoas trans você estudou/teve aula ou deu aula? Já foi atendida (e/o) por uma (/e) psicóloga (ue/o) trans? Médica (que/o)? Leu textos de autoras (es/ies) trans? Foi a shows de pessoas trans? Assistiu peças, filmes, séries com pessoas trans? Lê e acompanha políticas (ques/os) trans? A produção transgênera planta sementes de cosmovisões de outros lados da História. A vida e o nosso cuidado diário do que cultivamos em nossa mente, corpo e alma dita o caminho dessa germinação, então mais uma vez, não se trata de uma intervenção pontual, um artigo sobre gênero lido em uma aula, uma palestra na escola

ou um compartilhamento de post sobre transgeneridade em qualquer rede social que manterá a autoatualização em movimento. É preciso viver em estado de pesquisa, estado de cartografia, se relacionar com o que encontra, se deixar afetar na mesma medida em que é afetada (e/o) por esse encontro.

Por isso, eu aposto na transgeneridade brasileira, aposto e me junto com Castiel Vitorino Brasileiro - artista, escritora, psicóloga clínica e mestra em psicologia clínica; Jota Mombaça - escritora, pesquisadora e artista; Laerte - cartunista e chargista; Liniker - cantora e compositora; Manauara Clandestina - artista visual; Ode - escritora, estilista, curadora e diretora; Ventura Profana - compositora, cantora evangelista, escritora, performer e artista visual; Nick Cruz - cantor e compositor; Fefa Lins - artista visual; Lino Arruda - artista, ilustrador, romancista gráfico e pesquisador; Assucena - cantora e compositora; Bixarte - poetisa, escritora, atriz e rapper; Sam Porto - tatuador e modelo; Re Moraes - artista, compositora, rapper e modelo; Erika Hilton - política deputada federal; Duda Salabert Rosa - professora de literatura, ambientalista, ativista e senadora; Linda Brasil - educadora, política e ativista transfeminista pelos direitos humanos e da comunidade LGBTQIA+; Dani Balbi - professora, roteirista e política deputada federal; Jonas Maria - escritor, educador e produtor de conteúdo online sobre transexualidade, gênero e estudos; Erica Malunguinho - educadora, artista plástica e política brasileira deputada estadual; Luca Scarpelli - publicitário e youtuber; Majur - cantora e compositora; Thiessa Woinbackk - atriz e youtuber; Urias - cantora e modelo; Gabriela Loran - atriz; Valentina Sampaio - modelo; Manoela Sawitzki - escritora, dramaturga e doutora em literatura, cultura e contemporaneidade; Maria Clara Araujo - educadora e articuladora política com experiências profissionais em educação social, articulação com movimentos sociais, advocacy e institucionalidade política; Paul B. Preciado - filósofo e escritor; Sofia Favero - psicóloga, escritora e pesquisadora; o grupo de pesquisa NETRANS da UFSC.

Essa pesquisa não se encerra aqui. Talvez esse texto sim, visto que dentro do prazo que é dado na academia sinto que já torci o pano de todos os lados e dei de beber até a última gota. É imprescindível que depois de tudo que foi escrito eu repita: não tive a pretensão de trazer certezas, verdades e respostas, meu objetivo é botar a certeza cisgênera em xeque e florear o caminho das crianças dissidentes...

REFERÊNCIAS

ALENCAR, Karine. **Família acusa escola de Campo Grande de expulsar sobrinha por transfobia.** 2022. Disponível em: <https://www.campograndenews.com.br/direto-das-ruas/familia-acusa-escola-de-campo-grande-de-expulsar-sobrinha-por-transfobia>. Acesso em: 05 dez. 2022.

AMANCIO, Izzie Madalena Santos. **Só posso ser menina ou menino? Identidade de gênero e raça nas narrativas de crianças em espaços de Educação Infantil.** 2019.

AMANCIO, Izzie Madalena Santos et al. **Criança trans: articulando identidade de gênero e percepções sobre raça na infância numa perspectiva das diferenças.** 2022.

Associação Brasileira de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transexuais. Secretaria de Educação. **Pesquisa Nacional sobre o Ambiente Educacional no Brasil 2015: as experiências de adolescentes e jovens lésbicas, gays, bissexuais, travestis e transexuais em nossos ambientes educacionais.** Curitiba: ABGLT, 2016.

BECK, Koa. Do Transgender Little Girls Have a Fascination with Mermaids?. **Mommyish.** Np, v. 3, 2011.

BENEVIDES, Bruna G.; NOGUEIRA, Sayonara Naider Bonfim. **Assassinatos e violência contra travestis e transexuais brasileiras em 2020.** São Paulo: Expressão Popular, ANTRA, IBTE, 2021.

BORTOLINI, Alexandre. **Diversidade sexual na escola.** Rio de Janeiro: UFRJ, 2008.

BORTOLINI, Alexandre. **Sexualidade, Gênero e Diversidade-Currículo e Prática pedagógica. Anais do Seminário Nacional de Educação, Diversidade Sexual e Direitos Humanos,** 2012.

BRASIL. Conselho Nacional de Combate à Discriminação e Promoções dos Direitos de Lésbicas, Gays, Travestis e Transexuais – CNCD/LGBT. Parâmetros para o reconhecimento institucional da identidade de gênero e sua operacionalização na busca da garantia das condições de acesso e permanência de pessoas travestis e transexuais e todas aquelas que tenham sua identidade de gênero não reconhecida em diferentes espaços sociais – nos sistemas e instituições de ensino. Resolução CNCD/LGBT nº 12. 16 de janeiro de 2015. Disponível em: https://crianca.mppr.mp.br/arquivos/File/legis/sdh/resolucao_cndc_lgbt_n12_2015__par_ecer_ref_identidade_de_genero_na_educacao.pdf. Acesso em: 6 dez. 2022.

BRASIL. Conselho Nacional de Educação - CNE. Define o uso do nome social de travestis e transexuais nos registros escolares. Resolução CNE/CP nº 1. 19 de janeiro de 2018. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=8100-1-rcp001-18-pdf&category_slug=janeiro-2018-pdf&Itemid=30192. Acesso em: 6 dez. 2022

BUSINARI, Maurício. **Menino trans tem casa apedrejada 4 vezes na Bahia: 'Chamam de aberração'**. 2022. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/cotidiano/ultimas-noticias/2022/06/07/menino-trans-tem-casa-apedrejada-na-ba-chamam-ele-de-berracao-diz-mae.htm#:~:text=A%20casa%20de%20uma%20fam%C3%ADlia,por%20nome%20e%20pronomes%20masculinos.> Acesso em: 05 dez. 2022.

BUTLER, J. Problemas de gênero. Rio de Janeiro: **Civilização Brasileira**, 2003.

CARDOSO, Thomas Victor Barreto. **Como a divisão binária de gênero, dentro da escola, afeta as crianças trans.**

COSTA, Luciano Bedin da. Cartografia: uma outra forma de pesquisar. **Revista digital do LAV**. Santa Maria, UFSM. Vol. 7, n. 2 (maio./ago. 2014), p. 65-76, 2014.

COLETTA, R. D. Bolsonaro mentiu ao falar de livro de educação sexual no “Jornal Nacional”. *El País*. São Paulo. 29 ago. 2018. Disponível em: <https://brasil.elpais.com/brasil/2018/08/29/politica/1535564207_054097.html>. Acesso em: 15/11/2022.

MATTA, João da. Erotismo, sensualidade & sexualidade como potências da vida. *Nin*, ed. 1, ano 1, p. 65-67, 2015.

DE FIGUEIREDO, Camila Saggioro et al. COVID-19 pandemic impact on children and adolescents' mental health: Biological, environmental, and social factors. **Progress in Neuro-Psychopharmacology and Biological Psychiatry**, v. 106, p. 110171, 2021.

DE MIRANDA, Marcelo Henrique Goncalves; DE LIMA, Larissa Suellen Gomes Andrade. A prática pedagógica dos direitos humanos: marcadores sociais da diferença e o combate ao bullying. **Momento-Diálogos em Educação**, v. 28, n. 1, p. 328-348, 2019.

DEBUS, Eliane Santana Dias. **Entre vozes e leituras: a recepção da literatura infantil e juvenil**. 1996. 203f. Dissertação (Mestrado em Letras), Universidade Federal de Santa Catarina de Florianópolis, Florianópolis, 2016.

DEPOIS DA TEMPESTADE: A LGBTFOBIA NA ESCOLA. Paraná: Bendita Geni Jornalismo Lgbtqi+, 2018. (24 min.), son., color. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=g_RAbnK61N8. Acesso em: 05 dez. 2022.

FACULTA, Brenda. **Menina trans agredida em escola: 'Transformaram ela em culpada'**, diz mãe. 2022. Disponível em: <https://www.uol.com.br/universa/colunas/brenda-faculta/2022/02/19/mae-de-menina-trans-agredida-em-escola-transformaram-ela-em-culpada.htm>. Acesso em: 05 dez. 2022.

FAVERO, Sofia. **Crianças Trans: Infâncias possíveis**. Rio de Janeiro: Devires Editora, 2020.

FOCO, Congresso em. **MINISTRO DA EDUCAÇÃO ATRIBUI HOMOSSEXUALIDADE A “FAMÍLIAS DESAJUSTADAS”**. 2020. Disponível em:

<https://congressoemfoco.uol.com.br/temas/direitos-humanos/ministro-da-educacao-atribui-homossexualidade-a-familias-desajustadas/>. Acesso em: 05 dez. 2022.

FORTES, Fernanda Corrêa; STEINBERG, Vivian; BRENNECKE, Nathalia Botura Paula. Kit Gay e Ideologia de Gênero: Como a Desinformação Propagada por Bolsonaro Fere as Políticas Públicas Educacionais Voltadas para as Questões de Gênero e Diversidade Sexual. **Revista Pluri Discente**, v. 1, n. 4, 2022.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2011.

hooks, bell. **Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade**. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2017.

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (PNAD Contínua)**. 2021.

LOVE, J. **Julián é uma sereia**. São Paulo: Boitatá, 2021.

MENEZES, Jadla Moraes; DA SILVA, Ana Lúcia Gomes. **PÂNICO MORAL: ALGUMAS NOTAS RIZOMÁTICAS SOBRE A LINGUAGEM NEUTRA**. Desfazendo Gênero. 2021.

MIGUEL, Luis Felipe. Da “doutrinação marxista” à “ideologia de gênero” - Escola Sem Partido e as leis da mordada no parlamento brasileiro. **Revista Direito e práxis**, v. 7, n. 15, p. 590-621, 2016.

MOREIRA, Armindo. **Professor não é educador**. Cascavel: Armindo Moreira, 2012.

MYSECRET Self. Direção de Barbara Walters. Estados Unidos da América, 2007. (40 min.)

NATAL-NETO, Flávio de Oliveira; MACEDO, Geovani da Silva; BICALHO, Pedro Paulo Gastalho. A Criminalização das Identidades Trans na Escola: Efeitos e Resistências no Espaço Escolar. **Psicol. Ensino & Form.**, São Paulo, v. 7, n. 1, p. 78-86, 2016. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2177-20612016000100008&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 21 nov. 2022. <http://dx.doi.org/10.21826/2179-58002016717886>

NUNES, Andreia Filipa Rebelo. **Era Uma Vez... estereótipos de género Nos Livros Infantis**. 2017. 107f. Dissertação (Mestrado em Empreendedorismo e Estudos da Cultura). ISCTE-Instituto Universitário de Lisboa, Portugal, 2017.

NUNES, T organizador. Ensaio sobre vivências reais de crianças e adolescentes transgêneros dentro do sistema educacional brasileiro. Curitiba: **IBDSEX**; 2021.

PAJUBÁ. Direção de Linn da Quebrada. Produção de Badsista. S.I.: Sentidos Produções, 2017. (45 min.), son.

PRECIADO, Paul B. **Um apartamento em Urano**: crônicas da travessia. São Paulo: Editora Schwarcz-Companhia das Letras, 2020.

QUEBRADA, Linn. **A Lenda**. Produção de Badsista. S.I.: Sentidos Produções, 2017. (3 min.), son.

RODRIGUES, Alexsandro. **Crianças em dissidências**: narrativas desobedientes. 1ª edição/Salvador, BA: Editora Devires, 2018.

RODRIGUES, Ed. **Aluna trans é impedida de usar banheiro feminino e denuncia escola em PE**. 2021. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/cotidiano/ultimas-noticias/2021/10/29/estudante-trans-denuncia-homofobia-em-escola-publica-de-pernambuco.htm>. Acesso em: 05 dez. 2022.

SEDGWICK, Eve Kosofsky. How to bring your kids up gay. **Social Text**, n. 29, p. 18-27, 1991.

TAKAHASHI, Akihiko; WATANABE, Tad; YOSHIDA, Makoto. English translation of the Japanese mathematics curricula in the course of study. **Global Education Resources**, LLC, 2008.

TGEU. **Transgender Europe**: Trans Murder Monitoring 2015. 2015.

THE LITTLE MERMAID. Direção de John Musker e Ron Clements. Estados Unidos da América: Walt Disney Pictures, 1989. (82 min.).

UNBEHAUM, Sandra; CAVASIN, Sylvia; GAVA, Thais. Gênero e sexualidade nos currículos de pedagogia. **Fazendo gênero**, v. 9, 2010.

WURMEISTER, Fabiula. **O educador usurpa uma função que é da família**. 2012. Disponível em: <https://www.gazetadopovo.com.br/vida-e-cidadania/o-educador-usurpa-uma-funcao-que-e-da-familia-293fk255btxfvp15ip2ikn4ni/>. Acesso em: 05 dez. 2022.